Periódicos
DIFN SZ
ex. 2

Julho/agosto de 1988

Editado pela Fundação Nacional *pró*Memória
Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Ministério da Cultura
Av. Rio Branco, 46 – 2º andar – Centro
Rio de Janeiro – RJ – 20.090

ISSN 0101 - 3467

SPHAN 42
*pró*Memória

Analisar, discutir e propor. Estas foram as palavras que nortearam o I Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*, realizado pela SPHAN/ PróMemória, de 20 a 24 de junho, no auditório Gilberto Freyre, do Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro. O Seminário reuniu diversos profissionais do Brasil e exterior, não só da área de museologia, mas também de outros importantes segmentos da sociedade, para um balanço da atual situação dos chamados Museus Nacionais, quanto ao seu papel de preservação e difusão do patrimônio cultural brasileiro, e para indicar novos caminhos para um melhor desenvolvimento institucional, no sentido de se tornarem mais populares.

Museus Nacionais Perfil e Perspectivas

Edição ESPECIAL
Seminário Museus Nacionais
perfil e perspectivas

A idéia da realização do Seminário partiu da direção da SPHAN/Pró-Memória, que tem sob sua responsabilidade diversas casas de cultura, entre elas quatro grandes museus, definidos como de caráter nacional. São eles, o Museu Imperial, localizado em Petrópolis (RJ), o Museu da República, o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. A intenção foi abrir a discussão da temática museológica a uma reflexão ampla junto a outras áreas, extrapolando os limites institucionais, interpretando o museu como um assunto que diz respeito a toda a sociedade.

Entre participantes e convidados, estiveram presentes ao evento cerca de 600 pessoas. A mesa de painelistas e conferencistas foi formada por jornalistas, sociólogos, antropólogos, museólogos, filósofos, historiadores, entre outros profissionais que, do seu ponto de vista, analisaram a instituição *museu*.

O Seminário, que teve como uma de suas características principais o fato de ter sido financiado quase que exclusivamente pela iniciativa privada, através da Lei Sarney, foi dividido em duas etapas: a primeira, aberta ao público, de 20 a 22, e a segunda, de caráter interno, nos dias 23 e 24.

Outro destaque do Seminário foi uma exposição paralela, no saguão do auditório Gilberto Freyre, em que, além dos estandes de apresentação dos Museus Nacionais, estiveram à disposição do público diversos produtos culturais da SPHAN/PróMemória, como livros, revistas, folhetos, jogos com motivos patrimoniais, entre outros. Além disso, os participantes tiveram a oportunidade de assistir a vídeos ou fazer consultas sobre os acervos dos museus da SPHAN/PróMemória, num terminal especialmente instalado para esse fim (*Boletim SPHAN/PróMemória* nº 40, págs. 9 e 10).

O primeiro dia

A abertura do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*, na manhã do dia 20, foi procedida pelo Secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Presidente da Fundação Nacional PróMemória, Oswaldo de Campos Melo. Ao agradecer a presença de todos, o Secretário/Presidente explicou os motivos que o levaram a estimular a organização de um Seminário dessa natureza e que, segundo ele, teve características particulares, pois foi o primeiro do gênero convocado pela própria direção da Instituição.



Desenho de Jimmy Scott - *Guia dos Bens Tombados*.

Museu Nacional de Belas Artes...

...Museu Histórico Nacional...



Oswaldo de Campos Melo afirmou que a intenção foi a de criar um caminho de interesse entre a sociedade civil e a instituição pública *museu*. Ele falou ainda da responsabilidade que é manter essas casas culturais, a dificuldade de recursos, entre outras, e a importância de se buscar junto à sociedade os parceiros certos para essa tarefa. "Pretendemos despertar na sociedade o interesse pelos museus, principalmente na iniciativa privada, pois faltam a essas instituições recursos para que possam bem desempenhar suas tarefas."

Durante a abertura, o Secretário/Presidente instituiu o prêmio Xavier dos Pássaros, que anualmente contemplará o melhor trabalho desenvolvido sobre temas da museologia e museografia. Para Oswaldo de Campos Melo, a escolha do patrono tem um significado especial, já que Francisco Xavier Caldeira — seu verdadeiro nome — é considerado um dos precursores da museologia no Brasil, responsável pelos primeiros espaços públicos de exposição criados no país.

Falaram ainda na abertura o Coordenador-Geral do Projeto Regional do Patrimônio Cultural e Desenvolvimento — PNUD/UNESCO para a América Latina, Sylvio Mutal, e o representante da Presidência da República, Virgílio Costa.

Conferências de dois convidados estrangeiros marcaram a parte da tarde do primeiro dia de Seminário. Primeiramente, o arqueólogo e antropólogo, ex-Diretor do Museu Nacional de Antropologia y Arqueologia do Peru, Luís Guillermo Lumbreras Salcedo, falou sobre "o Papel do Museu na Questão da Identidade Nacional". Depois, Henrique Coutinho Gouvea, dos Institutos Português do Patrimônio Cultural e Rainha Dona Leonor, abordou "a Situação dos Museus Nacionais em Portugal".

Luís Lumbreras comentou a situação econômica da América Latina de dependência perante os países desenvolvidos, o que causou uma perda de identidade entre as populações e os próprios países latinos. Segundo Lumbreras, "os museus nacionais têm o papel de reconstruir essa identidade, voltando-se para o povo e sua cultura".

Em sua palestra, Henrique Gouvea traçou um perfil da museologia em Portugal, admitindo que estudos de análise e programação dos grandes setores museológicos, como é o caso dos museus nacionais, "encontram-se ainda em fase incipiente". Segundo ele, "só com a transição do século XIX ao século XX, essencialmente pelo início do regime republicano, Portugal pôde começar o que se poderia chamar de uma política museológica, quer dizer, uma ação coerente e global com relação aos museus. O primeiro museu nacional com caráter eminentemente especializado foi o Museu Nacional dos Coches, cujo espólio proveio em grande parte do também antigo Museu Nacional de Belas Artes".

O segundo dia

O Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*, no seu segundo dia, teve uma característica um pouco diferente do dia anterior. Presidida pelo Chefe de Gabinete do então Ministro da Cultura Celso Furtado, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, a mesa, na parte da manhã, foi composta por seis painelistas, além de um relator, o antropólogo Carlos de Araújo Moreira Neto, assessor para Assuntos Indígenas do Ministério. O painel apresentado foi "Museus Nacionais Hoje: o que são?". Dentro dele, os temas tratados foram "Museus Nacionais Hoje: um conceito possível?" e "O Museu no Terceiro Mundo: a questão da identidade".



...Museu da República...



...e Museu Imperial: em busca do apoio da sociedade.

Foto: Arquivo *Correio do Povo* - 1972.

Ângelo Oswaldo abriu os trabalhos fazendo uma análise sobre a situação geral dos museus ligados à SPHAN/PróMemória, passando pelos diversos problemas que estes vêm atravessando, principalmente a dificuldade de recursos e de organização institucional quanto ao desenvolvimento de projetos na área conceitual. Falou ainda da importância que deve ser dada também aos pequenos museus, principalmente "os que se situam fora das metrópoles". Ele concluiu dizendo que o Ministério da Cultura vem avançando em sua consolidação institucional e organização administrativa. "A SPHAN/PróMemória supera, rapidamente, as etapas de sua completa inte-



Fotos: Luciana Castelo Branco.

O Secretário da SPHAN e Presidente da próMemória, Oswaldo de Campos Melo, presidindo a mesa durante o Seminário.

gração e caminha para a reestruturação indispensável de um sistema que se pretende moderno, ágil e eficiente.''

Logo após, cada convidado teve 15 minutos para fazer sua comunicação. Na sua fala, o antropólogo, Secretário de Cultura da Cidade de Campinas (SP), Antônio Augusto Arantes Neto, propôs ao público uma reflexão ampla sobre diversas questões que envolvem a museologia sob uma visão antropológica. ''O museu é uma entidade jurídico-administrativa, que ganha existência enquanto agente participante do processo cultural, através das atividades que desenvolve, dirigidas a um determinado público. A que público fala o museu, a quem estão dirigidos os seus serviços?'', indagou Antônio Augusto. Segundo ele, perguntas desse tipo ganham importância quando a sociedade brasileira está longe de ser homogênea.

Para Celina Moreira Franco, socióloga, Diretora do Arquivo Nacional (RJ), a questão do público no museu é fundamental. ''Uma casa sem público está morta.'' Celina abordou ainda a função informativa dos museus. ''Os museus devem retratar verdadeiramente a história de um país. Se a história for elitizada, o museu deverá mostrar isso ao público. Mascarar a história é forjá-la''.

A abordagem da museóloga Lourdes do Rego Novaes, Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, teve como destaque a tarefa de coletar o cotidiano, o contemporâneo que, segundo ela, é da maior importância. ''Nossos museus, na sua maioria, só cuidam do passado'', afirmou.

Já a antropóloga Lélia Gonzáles, Diretora do Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, teceu comentários numa outra linha. Ela tomou como referência os critérios utilizados nos museus, que contam os fatos que, na sua opinião, detêm sempre a história do vencedor. Lélia, que também é conselheira do Programa Nacional do Centenário da Abolição, citou como exemplo o caso do Quilombo dos Palmares, cuja história não foi, na ótica do vencido, resguardada. Em contrapartida, a antropóloga ressaltou a importância da iniciativa da SPHAN/PróMemória de tombar a Serra da Barriga, em Alagoas.

Maria de Lourdes Parreiras Horta (entrevistada nesta edição), Coordenadora-Geral de Acervos Museológicos da SPHAN/PróMemória, metaforizando, situou a realização do Seminário como a função de arar o campo e revolver a terra para melhorar a qualidade e a produtividade das próximas colheitas. Segundo ela, o que o Seminário propunha era que essa aragem fosse feita por mais cabeças e mais enfoques. Para não fugir à metáfora, Lourdinha Horta — como é mais conhecida — classificou, com pesar, os Museus Nacionais como ''elefantes brancos'' se equilibrando numa pata só, no meio de uma corda bamba. ''É difícil explicar como chegaram até aí. O problema maior agora é saber como fazê-los descer de lá e colocá-los em terra firme para poderem continuar caminhando'', arrematou a museóloga.

Jornalista responsável por várias reportagens sobre os museus brasileiros, publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, onde é editora do suplemento ''Folha Ilustrada'', Márion Strecker fechou os trabalhos da parte da manhã afirmando que eles precisam ter mais atrativos: uma boa biblioteca, livrarias, lojas, lanchonetes, shows. Isso, na opinião da jornalista, aumentaria a freqüência do público.

''O Museu como Expressão: a questão da linguagem'' e ''A Museografia como Aplicação da Ciência Museológica''. Estes foram os temas sobre os quais girou o Seminário na parte da tarde, a partir do painel ''Museus Nacionais: como são?''. Quem presidiu a mesa nessa etapa foi o então Diretor-Geral da Embrafilme, museólogo Fábio Magalhães. Como relator, o sociólogo Roberto Moreira, Subchefe de Gabinete da SPHAN/PróMemória, em Brasília.

Aracy Amaral, crítica e historiadora de arte, ex-Diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, em seu dis-



Na exposição paralela ao Seminário, *a história dos Museus Nacionais.*

curso, tocou fundo na questão política que envolve os museus. Para ela, a atual situação dos museus brasileiros é desesperadora. "Alguns eventos relacionados a museus se reduzem a muita política para promoção pessoal de uns poucos, sem resolver os problemas existentes. Uma grave crise abrange não só os museus de arte, mas também os de arqueologia, antropologia e história, sem pessoal qualificado, estável, sem direção com projetos, orçamento condigno e público", desabafou Aracy.

A artista plástica e educadora Fayga Ostrower, membro do Conselho Estadual de Educação, expôs suas idéias com um enfoque um pouco diferente, tendo em vista a sua visão de museu passar pela ótica daquele que o abastece com suas obras e também como educadora. Mas, mesmo assim, Fayga, que se define como viciada em museus, não poupou críticas à política cultural adotada no Brasil e que se reflete diretamente nos museus, quando o principal argumento é falta de verba. "Se o governo pôde aprovar o último submarino atômico, evidentemente deixou de custear um programa cultural por dez anos. É uma questão de prioridade", lamentou Fayga. A artista ressaltou também a necessidade de se concentrar esforços no sentido de levar mais público aos museus. Mas, na sua opinião, a freqüência não deve ser superdesejada, utilizando-se o marketing e o merchandising de forma exagerada, de modo que uma exposição, por exemplo, seja encarada como um grande espetáculo para os meios de comunicação e seu conteúdo colocado em segundo plano. A título de ilustração, a artista citou uma exposição que visitou nos EUA sobre Van Gogh, em que, após teremna percorrido, os visitantes caíam num shopping com todas as peças promocionais possíveis sobre o pintor — sacolas, bolsas, livros, lenços, etc. Segundo ela, cabe a pergunta: "Era isso a tragédia de Van Gogh?"

Segundo o filósofo José Américo Motta Pessanha, professor da UFRJ e Coordenador do Núcleo de Editoração da SPHAN/PróMemória, o museu interessa diretamente à filosofia. "Museologicamente, sempre se narra uma história — às vezes acreditando-se contar a história — a partir de determinado ponto de vista, em função de algum historicismo." José Américo foi um pouco mais adiante em sua análise, quando se referiu a Merleau-Ponty, que caracteriza o ambiente museal, destinado à obra de arte, como possível gerador de equívocos, já que, segundo o pensador, as obras de arte "não foram feitas para acabar entre paredes morosas, para deleite dos que passeiam aos domingos e dos intelectuais das segundas-feiras". Para Merleau-Ponty, lembra José Américo, o museu acrescenta falso prestígio ao valor real das obras, destacando-as dos acasos em cujo meio nasceram e fazendo pensar que fatalidades guiaram desde sempre as mãos dos artistas.

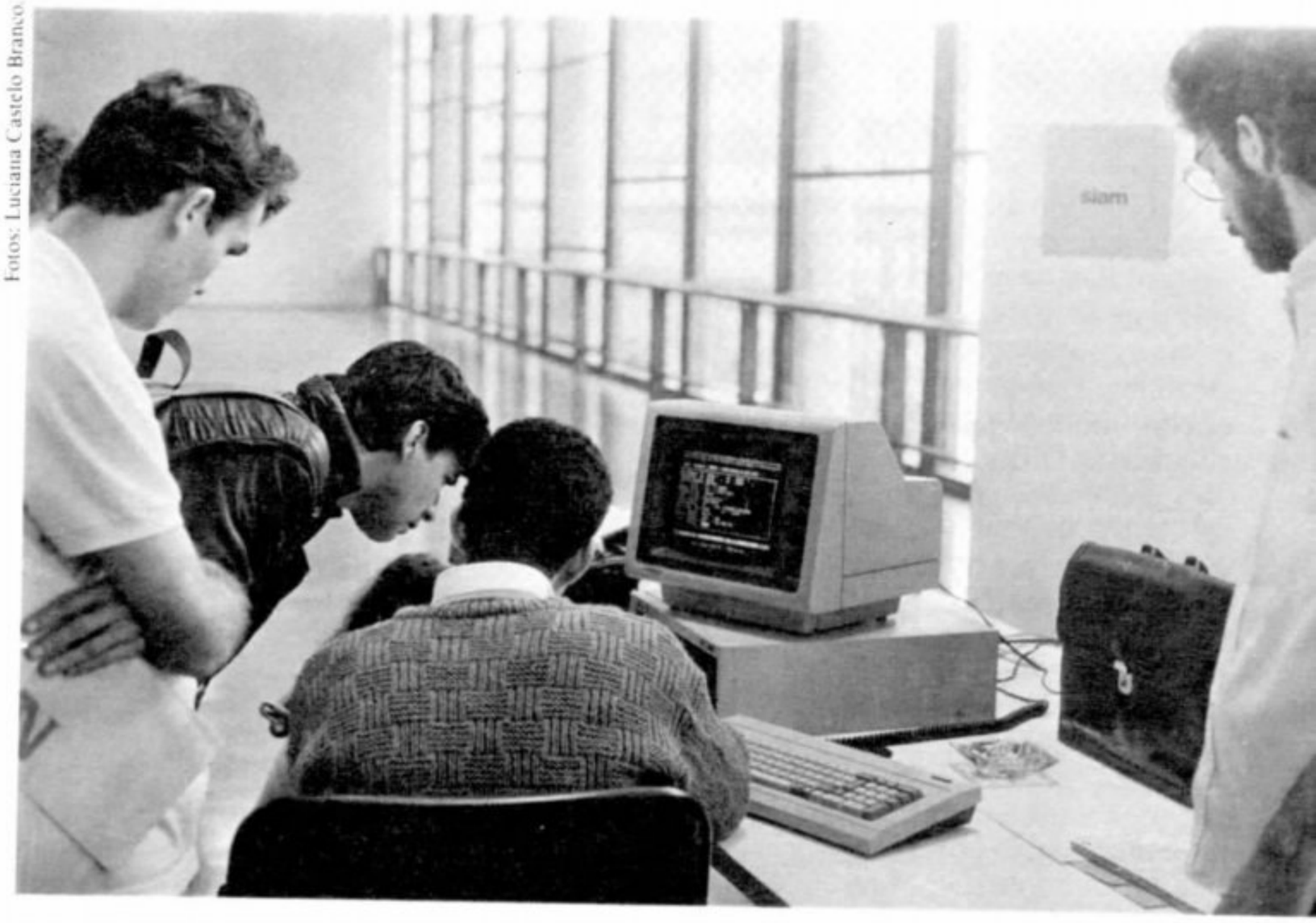
Para Maria Eugênia Stein, Diretora-executiva do Departamento de Educação da TV Manchete e Diretora do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, a instituição *museu* tem a responsabilidade de resgatar identidades, estabelecer vínculos indissolúveis com o passado, fazer conhecer o presente para influir decisivamente no futuro. Segundo ela, há que se preocupar em se aproximar um pouco mais do indivíduo, que é para quem o museu é dirigido, principalmente daquele que busca sua própria identidade, subjugado pela comunicação de massa, vítima da sociedade totalitária.

A museóloga Maria Inês Mantovani Franco, diretora da empresa Expomos, levantou a importância de haver uma interligação de conhecimentos de diversas disciplinas para se tratar a questão Museu. Ela explica: "A leitura não crítica evidenciada por muitos museus está diretamente ligada à apresentação de uma visão unilateral da realidade."

Maria Lúcia Santaela Braga, semióloga, professora da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC (SP), levantou algumas questões como a urgência de se enfrentar as transformações que os novos meios e as novas tecnologias estão trazendo para a criação. "Que sobrevivência pode ter um museu se não enfrentar o desafio de repensar a arte e suas formas de produção para além da exclusiva concepção de arte como objeto único?" Para ela, há que se repensar a característica dos museus como monumentos cerimoniosos, conservando e armazenando produtos carregados de aura.

O que o público apreende durante a visitação de uma exposição? Esta foi a pergunta feita pela programadora visual e professora Sílvia Steinberg, a

Fotos: Luciana Castelo Branco



Acesso aos acervos museológicos através da informática.



As publicações da SPHAN/PróMemória despertando o interesse do público.

qual ela mesma respondeu: "Muito pouco." Segundo Sílvia, o maior problema do Museu Nacional não é de público ou informação, é de falta de ideologia, de uma postura política "que nos garanta uma identidade". "Todos os museus de arte querem possuir um acervo semelhante ao de um determinado museu estrangeiro", destacou ela.

Concluindo os trabalhos do dia 21, o Professor Luís Lumbreras, que no dia anterior conquistou a platéia com colocações fortes e realistas, proferiu uma outra palestra aprofundando-se na questão da nacionalidade e traçando um perfil da cultura peruana e da América Latina como um todo.

O terceiro dia

O último dia do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*, aberto ao público, teve na parte da manhã a participação de seis painelistas. Entre eles, a americana Cheryl McClenney Brooker, vice-presidente para Assuntos Externos do Museu de Arte da Filadélfia.

Além dos painelistas, estiveram presentes as museólogas Beatriz Folly e Silva, da Fundação Casa de Rui Barbosa, na função de relatora, e Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que presidiu a mesa. Sobre o painel "Museus Nacionais Hoje: para quem?", os temas abordados foram "A Relação Sociedade/Museu"; "Museu como Centro Cultural e Social/Um novo público para um novo museu"; "A Comunicação de Massa na Relação Público/Museu".

Waldisa Rússio, Diretora do Instituto de Museologia de São Paulo, foi mais um especialista a tocar na questão da política cultural no Brasil que, segundo ela, pertencendo à América Latina, foi durante muito tempo "quintal do mundo e campo de reserva do capitalismo internacional". Se nós tivéssemos efetivamente um exercício democrático das nossas políticas culturais específicas, estivéssemos no exercício de políticas democráticas museológicas, não estaríamos perguntando hoje "Museus Nacionais: para quem?", disse a museóloga.

Cláudio Mello e Souza, jornalista de *O Globo* e assessor da Central de Comunicação da Rede Globo, falou sobre a participação dos meios de comunicação, em especial a televisão, na ligação público/museu. Sem se arriscar em fornecer fórmulas para um resultado satisfatório nesse sentido, Cláudio constatou que a televisão exerce um poder hegemônico; disse que, com esforço, se pode encontrar maneiras inteligentes de levar ao público propostas culturais também, além da mensagem da classe política dominante e dos interesses comerciais que regem as televisões no mundo capitalista.

Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Antropólogo Gilberto Velho abordou a questão da freqüência nos museus brasileiros, estabelecendo uma comparação entre o Museu Nacional, onde trabalha, e os outros museus, já que o MN recebe um grande número de visitantes — 50 mil por mês, em média. "O Museu funciona no antigo Paço Imperial — localizado na Quinta da Boa Vista —, onde viveram reis, rainhas, imperadores e imperatrizes. A idéia de realeza, império e nobreza, segundo o antropólogo, parece exercer grande atração sobre o público." Além disso, o Museu Nacional tem no seu acervo múmias, elefantes e dinossauros, o que, na opinião de Gilberto Velho, é mais um atrativo. "Os museus precisam é de atrações junto ao público, o que, no caso brasileiro, está num nível precário", concluiu o antropólogo.

Foto: Arquivo MNBA



Sem contar com os atraentes dinossauros e múmias do Museu da Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional de Belas Artes...

Foto: Arquivo Museu Imperial



...e o Museu Imperial procuram o caminho para levar mais público às suas mostras de artes plásticas.

Paulo Dionísio, da TV Educativa, que dirigiu a série "Museus", falou sobre as experiências que viveu ao fazer um programa tendo o museu como tema central. Segundo ele, as dificuldades foram grandes em colocar de maneira atraente ao público o trabalho dos museólogos e as peças de acervos. "Realmente", explicou Paulo, "não existe muita documentação nem experiência nesse sentido na televisão brasileira. Fomos fazendo e aprendendo ao mesmo tempo."

Falando em seguida, o professor de Filosofia da Escola de Comunicação da UFRJ, Márcio Tavares do Amaral, estabeleceu um paralelo entre o tempo das musas e o tempo dos museus. "O tempo das musas é um tempo do mito, que instaura, enquanto que o tempo dos museus é um tempo da história, que resgata. O tempo das musas é o da criação. E o tempo dos museus é o da conservação." Para o filósofo, entre a criação e a conservação, ou seja, entre o processo e o projeto, o museu, se quer ser nacional, por ser lugar da experiência, da totalidade e da identidade, deve encontrar um lugar seu. "Não é nos museus que se cria, mas também não deve ser nos museus, nos seus porões,

que se meramente conserva'', complementa Márcio Tavares.

Maria Célia Moura Santos, que é museóloga, Coordenadora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, falou sobre a necessidade de os museus buscarem um melhor relacionamento com o público, segundo ela, a quem o museu deve estar destinado. ''Desde quando herdou a visão européia, a museologia brasileira vem reproduzindo sem análise e a reflexão devidas os modelos transplantados, para um público que nada entende e nem sequer é motivado a compreender o que se passa nessa iniciativa fria, distante e descomprometida com a realidade. Destinada a intelectuais, *experts* ou uma elite que quer aparecer ''socialmente'', disse Maria Célia.

Quem falou depois foi o professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Ulpiano Bezerra de Menezes, que centrou sua palestra em questões que considera fundamentais: ''O museu é o lugar da representação cultural e não da prática cultural.'' Para ele, há que se adotar uma série de procedimentos quanto à linguagem e ao uso dos museus.

Cheryl McClenney Brooker, a convidada americana, referiu-se aos museus como instituições poderosas, pois são gaurdiães da cultura. No entanto, o sucesso de público nos museus dos EUA, levantados por Thomas Seligman, não é para Cherryl o suficiente. ''Somos passivos demais em nossos esforços para chegar até o nosso público, pois temos a obrigação de apresentarmo-nos como agentes de mudanças, por utilizarmos o que outras instituições não têm, isto é, objetos reais.'' Para Cherryl, o museu tem que se ver como um recurso comunitário, comprometido com a educação de todos, ''com base num aprendizado que dura a vida inteira''.



Foto: Arquivo FUNDACEN.

Meios de transporte antigos, da coleção do Museu Histórico Nacional...

Na parte da tarde do dia 22, o painel apresentado foi ''A Contemporaneidade dos Museus Nacionais — saídas e perspectivas''. Sobre ele, foram desenvolvidos os temas ''A Crise nos Museus e os Meseus na Crise''; ''Acervos do Futuro: a política da aquisição e coleta de cultura material hoje''; e ''Gerenciamento de Museus: aspectos econômicos, financeiros, administrativos e política de marketing''.

Quem esteve presidindo a mesa foi a Coordenadora do Sistema Nacional de Museus da SPHAN/próMemória, Priscila Freire, que teve ao seu lado, como relator, José Américo Motta Pessanha.

Priscila deu início às atividades fazendo algumas referências à tarefa museológica em outros lugares do mundo para chegar à conclusão de que existe falta de informação, diálogo e importância dos museus brasileiros junto ao povo e às autoridades. ''O nosso museu, de um modo geral, não está afinado com as expectativas da população e tem contribuído pouco para elevar o perfil cultural da sociedade, quando sabemos que o museu tem como função desenvolver a consciência individual e coletiva, preservando a identidade cultural,'' explicou Priscila.

Outro convidado americano, Thomas Seligman, diretor para Assuntos de Educação dos Museus de Arte de São Francisco, falou em seguida sobre ''As parcerias públicas e privadas nos museus dos Estados Unidos''. Explicou que nos EUA existem mais de quatro mil museus, jardins botânicos, zoológicos e centros de arte classificados como de caráter beneficente, isentos de impostos. Há museus administrados pelo governo e por particulares através de conselhos curadores. Em quase todos os casos a ajuda recebida do setor público é insuficiente às necessidades orçamentárias dos museus. Portanto, segundo Thomas Seligman, todos os museus se utilizam de propostas abrangentes e complexas, atraentes para uma ampla faixa do público disposto a colaborar para a manutenção deles. Os museus nos Estados Unidos, por informação de Seligman, alcançam mais de cem milhões de visitantes ao ano, curiosamente mais do que todos os eventos esportivos.

Definindo-se como um inveterado freqüentador de museus, Elysio Pires, publicitário e Presidente do Conselho Estadual de Turismo do Rio de Janeiro, tratou da questão museu principalmente pelo enfoque do marketing. Se-

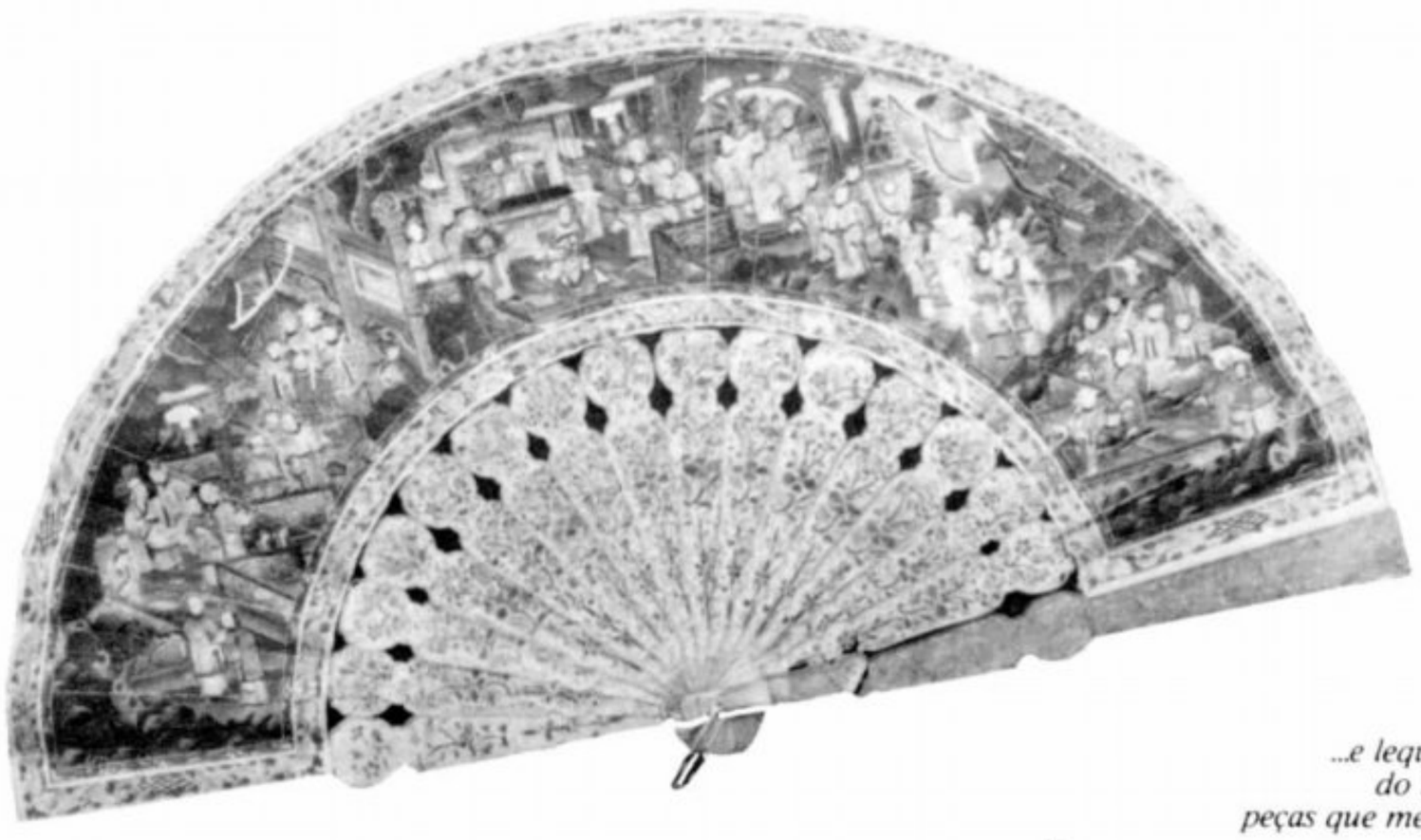


Foto: Arquivo Museu Imperial.

...e leque de mandarim, do Museu Imperial: peças que merecem ser vistas.

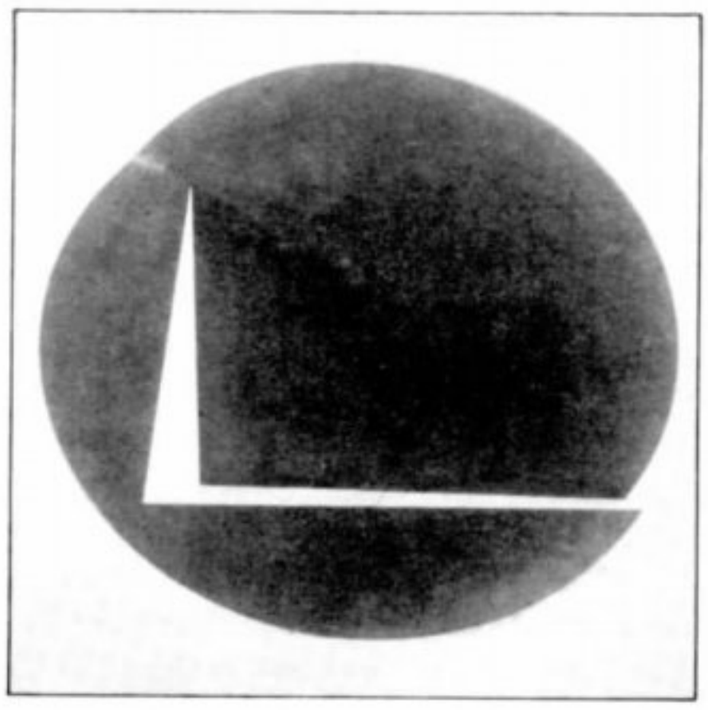
Fotos: Arquivo MNBA.



Pescador, *de Thomas Santa Rosa Jr...*

gundo ele, a aplicação do marketing é necessária em qualquer empresa ou instituição, visto que dezenas delas sobrevivem graças a esse instrumento e outras tantas desaparecem por não utilizá-lo. "Isto não é uma fantasia de meia dúzia de acadêmicos." Para Elysio, o que acontece com o museu é a ausência da luta pela sobrevivência, o que não aconteceria se ele dependesse da contribuição do patrocinador ou do dinheiro do ingresso dos visitantes. Alguns princípios, segundo o publicitário, também devem ser levados em conta, como a segmentação do público e o problema da disponibilidade de tempo nos dias de hoje.

Para Heloísa Buarque de Holanda, crítica de cultura, Diretora do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da Escola de Comunicação da UFRJ, o Seminário trouxe a indicação de um momento de mudança, como um rito de passagem entre o tempo dos museus limitados, conceitual e operacionalmente, para o museu moderno, com proposta e atuação mais amplas na sociedade, adotando, inclusive, estratégias de marketing. Segundo ela, esse rito é necessário e se manifesta na área da cultura como um todo. Não escondeu, porém, um sentimento nostálgico e de tristeza nestes tempos pós-modernos em que "só se pode falar em mercado, só se pode falar de consumo e um projeto político não tem mais vez". Heloísa acha, entretanto, que não faz mais sentido pensar desta forma e que talvez se possa encaminhar esse sonho político em outra direção, com outra formulação.



...e Escultura Neoconcreta,
de Amílcar de Castro: apelos significativos à iniciativa privada.

O Diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, José Carlos Barboza, situando que a crise atual não acontece somente nos museus, disse que nestes, especificamente, há algumas razões determinantes: falhas na comunicação e na prestação de serviços, além de problemas de localização quanto à segurança dos visitantes. José Carlos Barboza foi um pouco mais além e deu algumas sugestões para o desenvolvimento dos museus. Segundo ele, precisa-se de um trabalho de marketing mais dinâmico, apoiado em pesquisas de opinião e na preocupação de ajustar as atividades e as programações museológicas às diversas funções do museu.

A questão da comunicação foi enfocada também por Luís Paulo Horta, editorialista do *Jornal do Brasil* e Curador de Música do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Para ele, o grande desafio das artes nos dias de hoje é perfurar a barreira da comunicação, já que, atualmente, os espaços na imprensa são muito reduzidos. "Obviamente que a matéria sobre museu tem uma durabilidade, tem uma perenidade que não é a mesma da matéria da imprensa, que nasce e morre todos os dias. Mas o museu é um sistema de comunicação e tem que disputar o seu lugar na realidade contemporânea", explicou Luís Paulo Horta.

Maurício Segall, Diretor do Museu Lasar Segall, foi o último convidado a falar. Abordando a questão da crise nos museus, Maurício falou que, nesse caso, o melhor é nadar com a corrente e não contra ela e que a lamúria da falta de recursos não deve servir de justificativa. "Há sempre a possibilidade de se ser criativo no trabalho, mesmo num momento de penúria." Quanto ao conceito de museus nacionais, Maurício disse ocorrerem diversas contradições, como, por exemplo, monumento ou museu?, símbolo ou ação?, perguntas que, segundo ele, não foram respondidas no Seminário, mas que proporcionaram um avanço na discussão da temática museológica. "Eu acho que carregar nas costas o 'termo nacional' é uma 'barra'. Uma coisa que vejo fundamental para ser inovada é o diálogo entre o acervo e o visitante, talvez o maior desafio dos museus." Sobre a questão do marketing, Maurício Segall não acha que o museu deve integrar a sociedade de consumo de massa. Para ele, os museus são foros de resistência à sociedade de cultura de massa, e como tal devem permanecer.

Nos últimos dois dias do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* as palestras deram lugar a debates técnicos e troca de opiniões sobre a prática, objetivando aprimorar o desempenho dos museus. Cada caso — museu — estudado originou um relatório, confeccionado a várias mãos, com a participação de consultores especialmente convidados, e específico às características individuais de cada instituição. Muitas dessas particularidades estão relacionadas à memória dos museus nacionais, de Belas Artes, Histórico, da República e Imperial.

Esses relatórios foram entregues pelo secretário da SPHAN/Presidente da Fundação Nacional próMemória, Oswaldo de Campos Melo, ao Ministro Celso Furtado, presente ao encerramento do evento.

Opinião

O Seminário: uma reflexão interdisciplinar

* *Margarida M. Rodrigues Ramos*

"Qual o perfil e quais as perspectivas de desenvolvimento dos Museus Nacionais em face da realidade brasileira contemporânea? Como otimizar a modernização dos museus, adequando-os às exigências de um novo público? De que maneira essas Instituições estão preenchendo o seu papel específico junto à sociedade do país, na preservação e difusão da sua Memória e Cultura Material?"

Questões como estas, expressando a preocupação da SPHAN/PróMemória com a situação dos Museus Nacionais sob sua responsabilidade, situam-se na gênese da convocação do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas.*

Tarefa complexa, visto a necessidade de se trabalhar com economia de tempo e de recursos, com carência de pessoal habilitado e disponível. Chamadas a colaborar, várias unidades da SPHAN/PróMemória enviaram sugestões de temas e nomes de profissionais e de representantes de diversas áreas de conhecimento, que formaram a base sobre a qual foram montados o temário e o quadro de conferencistas do Seminário.

Estava lançado o desafio: a convocação para uma reflexão ampla e interdisciplinar sobre os museus nacionais. Com os convites, algumas perplexidades: "O que sei eu de especial sobre museus?", ouvimos algumas vezes. Em difícil jogo de sedução argumentávamos sobre as múltiplas visões do público de museus, que tanto quanto as do museólogo, do profissional de museus ou de áreas afins seriam as peças desejáveis de um mosaico que se queria multifacetado, para ser rico e abrangente. Ouvir o que a sociedade brasileira tinha a dizer, sobre o que esperava de um museu nacional no Brasil de hoje, era o nosso propósito.

E o desafio foi aceito, incondicional e entusiasmadamente, por algumas das melhores cabeças pensantes do Brasil que vieram somar-se a nós na busca de caminhos para museus mais atuantes e adequados à contemporaneidade.

Adesão pode ser considerada a palavra-chave do Seminário. Adesão por parte dos conferencistas, debatedores e especialistas convidados que, praticamente sem exceção, aceitaram o convite formulado e corresponderam com estimulante reflexão sobre o tema proposto. Adesão por parte do público: cerca de 600 pessoas — funcionários da SPHAN/PróMemória, profissionais e estudantes das mais variadas procedências — lotaram permanentemente o auditório do Palácio Gustavo Capanema em sessões longas e complexas. Adesão incondicional por parte da equipe convocada a montar o "quebra-cabeça"; com a impossibilidade de contratação de serviços externos, funcionários de diversas áreas foram selecionados e recrutados dentro da Instituição e em entusiasmado mutirão corresponderam competentemente ao imenso desafio. Adesão para a captação de recursos; adesão de empresas e empresários em forma de apoio, patrocínio e até mesmo de presença assídua durante as sessões. Adesão das equipes dos nossos museus nacionais, aceitando e aderindo ao saudável exercício da crítica e autocrítica, do qual saímos todos beneficiados.

Alguns pontos merecem destaque. À adesão somou-se o comprometimento e, findo o evento, as imediatas cobranças pelos frutos do Seminário evidenciam o interesse despertado. Soluções para os problemas levantados requerem um tempo para maturação e execução. Alguns resultados, porém, já se fizerem sentir: verbas extras para assuntos prementes, maior preocupação com a racionalização dos recursos, com a agilidade nos procedimentos administrativos, com as questões cruciais de segurança e de formação e treinamento de pessoal nos museus, entre muitos outros aspectos.

A significativa cobertura do Seminário pela imprensa — que mereceu, inclusive, um editorial do *Jornal do Brasil* — trouxe-nos a certeza de que os museus e o fato museológico geram notícias, podendo ocupar espaço na imprensa e chamar a atenção dos meios de comunicação, fatores essenciais para atrair o público.

Como frutos do Seminário, podemos destacar, ainda, o tratamento da questão do museu e da museologia como objetos de reflexão, de exercício de pensamento; enriqueceu-se a bibliografia museológica, ganhou-se material reflexivo para muito tempo. Mais do que isto, ficou claro e patente que este encontro de profissionais de museus e de áreas afins evidenciou uma mudança de mentalidade, refletindo a compreensão dos museus (e no caso especial, dos museus nacionais) como espaços modernos e dinâmicos de resgate e reconstrução de nossa identidade cultural, espaços que devem corresponder a sua vocação de pólos culturais e de instrumentos de conscientização sobre nossa história, valores e significados.

Adesão, esforços, interesse e entusiasmo contribuíram para o êxito do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas.* É necessário, porém, estarmos todos conscientes de que, para além do evento, o Seminário somente terá seu sentido se se constituir em detonador de um processo no qual os nossos museus nacionais assumam definitivamente seu papel de agentes de transformação social e de desenvolvimento educacional e cultural da sociedade brasileira.

* *Museóloga, Coordenadora do* Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas e *Assessora da Presidência da Fundação Nacional pró*Memória.

Museu, um novo produto na praça

A expressão museu, do latim museum, aparece em vários dicionários como "lugar onde se conserva, estuda e, sobretudo, expõe obras de arte, coleções científicas ou objetos raros ou antigos, para deleite e educação do público". Ironicamente, é nesse último item da definição — que se refere ao uso pela sociedade — que reside o problema principal dos museus no Brasil. Pouco visitadas e por isso pouco divulgadas e assistidas pela classe empresarial, essas casas de cultura passarão a utilizar vários instrumentos do marketing, para, integradamente, buscarem o auto-sustento e um melhor atendimento ao seu público.

Um dos assuntos mais polêmicos levantados durante o seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* foi a possibilidade da utilização das várias técnicas do marketing para aprimorar o desempenho dos museus. Segundo especialistas presentes ao evento, muitas tarefas podem ser executadas por essas casas de cultura, visando estimular a participação da iniciativa privada em seus projetos. Além de viabilizar economicamente os museus, a medida os tornaria mais conhecidos, dinâmicos e eficientes, resultando em benefícios para a sociedade como um todo.

Reafirmando seu papel de instrumento reflexivo, o Seminário abriu perspectivas para a implantação de inúmeras estratégias que poderão transformar nossos museus em verdadeiros "pólos de atração", no mercado cultural.

Ponto de mídia

Tradicionalmente passivos quanto à utilização de mecanismos capazes de gerar estímulo em seu público-alvo, a maioria dos 1.200 museus existentes no Brasil necessita ingressar numa nova fase. Ferramentas como a pesquisa de mercado, o *merchandising* e a mídia institucional podem vir a exigir a dedicação dos seus técnicos, tanto quanto as atividades de restauração, conservação e exposição dos acervos.

Responsável pela atuação de 33 museus e instituições culturais similares distribuídas por todo o país, a SPHAN/próMemória procura integrá-los, no que se refere às suas ações de marketing, levando em consideração as características de cada unidade e evitando superposição de esforços na captação de recursos. Muitas dessas casas já desenvolvem trabalhos visando a uma participação mais efetiva da comunidade: realizam exposições extramuros, cursos, palestras, concertos e outras atividades. Também buscam recursos externos para viabilizar determinados eventos ou recebem doações.

É necessário, no entanto, segundo o assessor de marketing da SPHAN/próMemória, Ricardo de Hollanda, "melhor direcionar estes esforços, para elevar efetivamente a média de público e despertar definitivamente o interesse da iniciativa privada para os nossos museus, cujo potencial é inesgotável, seja para situar produtos, divulgar marcas ou até mesmo utilizar o espaço para outros eventos, não necessariamente ligados à museologia".

Um dos caminhos indicados pela Assessoria de Marketing para melhorar o desempenho dos museus da SPHAN/próMemória consiste na deflagração de uma campanha, a nível nacional — para a conscientização do público e divulgação dos museus e acervos —, realizada através de mídia cooperada: modalidade de divulgação que envolve a participação conjunta do veículo de comunicação e demais patrocinadores, que se beneficiam da Lei Sarney ou apenas do retorno institucional.

"Esta campanha poderá contribuir para transformar nossos museus em verdadeiros pontos de mídia e referenciais culturais das suas cidades, assim como o Museu de Arte Moderna e o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que vêm despertando em muito o interesse da iniciativa privada", exemplifica.

Na opinião do diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, José Carlos Barboza de Oliveira — um dos painelistas do Seminário —, a falta de demanda aos museus tem algumas razões bastante claras: "Linguagem ultrapassada, falta de dinâmica e de regularidade nas atividades, falhas na comunicação visual e na divulgação, em resumo, falta de eficácia." Para ele, além de realizar pesquisas entre os visitantes e os não visitantes, visando orientar sua programação e serviços, os museus deveriam praticar um marketing mais agressivo e direcionado para cada segmento do seu público. "Dirigentes do próprio MinC, no sentido de agilizar



Jogos culturais: despertando a consciência infanto-juvenil.

prioridades; funcionários, objetivando a dinamização dos serviços; formadores de opinião — imprensa, intelectuais, etc. —; possíveis patrocinadores, comunidade envolvente e a sua clientela, em geral, deveriam ser alvos constantes dos museus'', afirma. Segundo ainda José Carlos Barboza, o incremento de serviços como os de restaurante e cafeteria, venda de objetos, biblioteca e videoteca também colaboraria para melhorar o desempenho dessas instituições.

Planejamento e perspectivas

Nos Estados Unidos da América, atividades ligadas ao marketing vêm contribuindo para a auto-suficiência dos museus com relação ao seu orçamento, conforme explica o diretor para assuntos de educação e exposições do Museu de Arte de São Francisco, e também painelista do Seminário, Thomas Seligman: ''Em 1978, nosso Museu contava com 93% de seus recursos vindos do Governo municipal. Dez anos depois, apenas 40% eram custeados pelos cofres públicos, já que várias atividades garantiam o sustento do Museu: venda de livros, slides e reproduções do acervo, confeccionados pela própria Instituição; aluguel de espaços para encontros de negócios e festas de aniversário; recursos provenientes da iniciativa privada, captados pelo Conselho Curador do Museu; trabalho de voluntários, que representa a economia de quase 1 milhão de dólares; e, principalmente, as contribuições de 55 mil membros associados, que se beneficiam com descontos e promoções, constituem-se em fontes de recurso.''

Na visão de Ricardo de Hollanda, todas essas medidas devem ser incorporadas ao dia-a-dia dos nossos museus e colaborarão para criar um hábito de visita a essas casas de cultura. Mas é necessário também, segundo ele, a intensificação de um trabalho de base, institucional, principalmente junto a crianças e adolescentes, para despertar e consolidar o interesse pela nossa cultura, representada nos museus. O que em parte já vem sendo feito: ''A SPHAN/próMemória vem atuando em projetos de difusão cultural'' — um trabalho iniciado em 1983 (*Boletim SPHAN/próMemória* nº 40, pág. 15 e nº 29, págs. 20 a 24) — ''voltando-se para o estudante de 1º e 2º graus, através de mensagens nos cadernos da Fundação de Assistência ao Estudante, que atinge toda a rede escolar, e dos brinquedos culturais, desenvolvidos com a Coluna Gráfica, Jogos e Brinquedos S.A., além de outros projetos de público mais amplo, como as toalhas para bandejas de bordo, com motivos de patrimônio edificado, feitas pela Varig, por exemplo.''



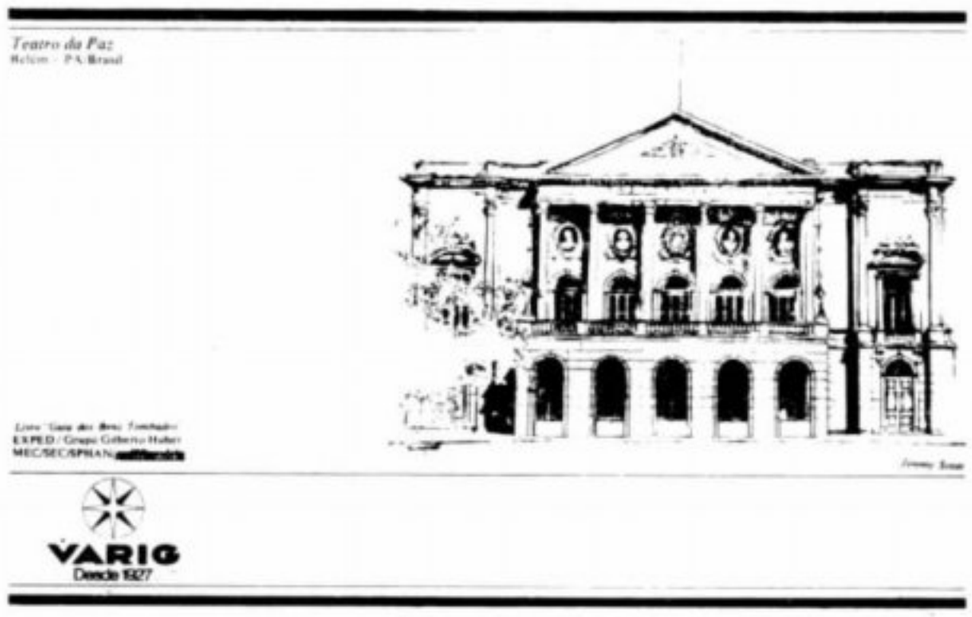
Fotos: Arquivo Assessoria de Marketing

Também no material de divulgação o apoio da iniciativa privada.

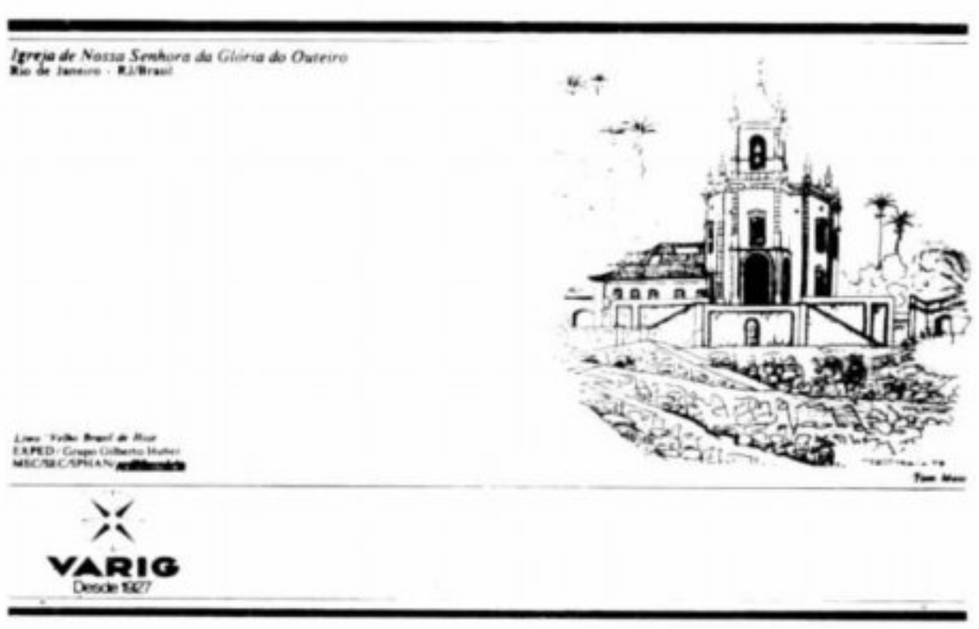
Para a Assessoria de Marketing, é fundamental que as coordenadorias e demais unidades da SPHAN/pró-Memória sejam dotadas de infra-estrutura e comecem a realizar pesquisas de mercado, marketing direto — para quantificar e qualificar o seu público —, a utilizar de forma correta uma freqüência de mídia nos veículos de comunicação, bem como praticar a difusão e a promoção cultural. "Neste sentido" — explica Ricardo de Hollanda —, "estamos procurando, através de sugestões, estabelecimento de critérios, ordenação das tarefas e conhecimento das necessidades de cada unidade e das prioridades da Instituição criar condições para o desenvolvimento de uma mentalidade voltada para o marketing e para o entrosamento com a iniciativa privada", conclui.

Antecipando uma outra fase dos trabalhos, a Assessoria de Marketing vem se equipando com instrumentos tais como um *mailing* — listagem contendo dados fundamentais — de grandes empresas, a partir do qual, mediante a análise e definição de perfis, procura compatibilizar projetos da SPHAN/pró-Memória com as características de possíveis patrocinadores.









Com a utilização da mídia alternativa, o patrimônio cultural pode ser difundido até mesmo em capas de cadernos ou em toalhas de bandejas de bordo.

O apoio e o retorno

Um verdadeiro desafio: assim pode ser classificado o gesto de captar recursos para a viabilização de projetos — fundamental etapa de todo o processo cuja execução, entretanto, não é "o forte" da maioria dos profissionais. Longe de ser apenas uma vocação, ou simplesmente uma questão de sorte, captar recursos envolve uma série de técnicas derivadas de inúmeros instrumentos do marketing.

Desenvolvido com o apoio da iniciativa privada, o Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* já estava com significativo percentual do seu valor comercializado um mês antes da realização — fruto da antecedência e do entrosamento entre a Coordenação do Seminário e a Assessoria de Marketing da SPHAN/pró-Memória, que nortearam os trabalhos.

Das discussões sobre a filosofia, os objetivos, o planejamento, o cronograma e o orçamento do Seminário, amadureceram as idéias. Objetivando dar ao evento um efeito multiplicador, foram criados produtos derivados: esta edição especial do *Boletim SPHAN/pró-Memória,* bem como o registro do encontro, na íntegra, em vídeo, e nos *Anais,* cujas produções estão sob os cuidados da pró-Memória Vídeo e do Núcleo de Editoração da SPHAN/pró-Memória, respectivamente.

Visando agilizar os trabalhos, o Seminário foi dividido em cotas e apresentado a empresas dotadas de afinidade com o tema museus ou com os produtos planejados, através de um projeto específico para captação de recursos. Nove empresas engajaram-se ao evento: Varig/Cruzeiro, Associação de Hotéis de Turismo — através dos hotéis Nacional, Luxor Continental, Royalty Copacabana e Savoy Othon —, Credicard, Souza Cruz, Xerox, Sony, Fundação Nestlé de Cultura, Gillette, Papelaria União e Gráfica Miscal. Foi obtido apoio, também, da Fundação Nacional de Artes Cênicas, Funtevê e Rádio MEC. Viabilizaram a participação dos especialistas estrangeiros o Projeto Regional de Patrimônio Cultural e Desenvolvimento, PNUD/UNESCO para a América Latina, a Fundação Cultural Brasil/Portugal, o USIS — Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos da América e o programa Companheiros das Américas — Comitê Pensylvânia/Bahia.

Além dos benefícios fiscais, com base na Lei nº 7.505 — Lei Sarney —, os ganhos de imagem obtidos pelas empresas que apóiam eventos culturais podem se caracterizar de várias maneiras. No caso de *Museus Nacionais: perfil e perspectivas,* que mobilizou cerca de 600 pessoas por dia, o retorno para as empresas foi garantido pelo crédito dado nas publicações derivadas e nos impressos — folder, cartaz, certificado e painéis — e pela ampla repercussão do evento nos veículos de comunicação.

O trabalho conjugado com a Assessoria de Imprensa da SPHAN/pró-Memória foi fundamental e resultou na cobertura por 21 jornais, oito rádios e cinco emissoras de TV de todo o país, totalizando quase cem matérias veiculadas antes, durante e depois do evento, entre as quais um editorial do *Jornal do Brasil.*

DEPOIMENTOS

O *Boletim SPHAN/próMemória* publica, a seguir, depoimentos de personalidades que, de alguma forma, se vêm engajando nas propostas e trabalhos discutidos durante o Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*.

Museus Nacionais: perfil e perspectivas, por quê?

Especialistas de vários setores profissionais ligados ou não à museologia e preservação de patrimônio, seus comentários possibilitam uma visão bastante ampla e diversificada do papel do museu e sua importância, sob os pontos de vista econômico, social e político, para vários segmentos da sociedade, no Brasil e no Exterior.

Se considerarmos o silêncio da imprensa como intérprete de um estado de entorpecimento e o seu ruído como a evidência de um estado latente de efervescência tomando como exemplo o Seminário *Museus Nacionais*, poderíamos, talvez, montar um anúncio como esses que aparecem nos jornais divulgando as virtudes de algumas poções revigorantes: *Antes e depois*. Isso porque é possível demonstrar, sem margem de erro, que o assunto museu sofreu uma ação renovadora na imprensa de todo o país.

Quando Márion Strecker advertiu que "não devemos esperar dos jornais que façam o que os museus não fazem", constatamos que o Seminário, como elemento provocador e detonador de idéias, cumpriu seu destino. Respondeu a uma necessidade que se fazia indispensável naquele momento. A proposta definida em sua forma original, limitando-se aos quatro museus nacionais, extrapolou essa condição, alcançando os museus como um todo. Não foi sem motivo que o Seminário passou a ser identificado como Seminário Nacional de Museus.

Nesse sentido foi possível observar o interesse despertado pela surpreendente novidade do tema em discussão, através do numeroso público que lotou o auditório do Palácio Capanema, eloqüentemente representado pela diversidade de sua composição. Organizado praticamente sem falhas, o encontro obedeceu rigorosamente à pauta proposta em um clima de reflexão ativa no qual os conferencistas, estimulados, forneceram um belo perfil intelectual da questão cultural brasileira. Maria Ignes Mantovani, colocando "a necessidade de se comporem equipes multidisciplinares nos museus com uma metodologia interdisciplinar", teve seu ponto de vista comprovado na própria estrutura organizacional do Seminário. A mobilização de técnicos de várias áreas do conhecimento científico mostrou que essa equação gera sintonia quando os objetivos são os mesmos.

Luis Lumbreras, defendendo a visão do presente como agente do passado", foi complementado em sua proposta pela sugestão de que "a coleta do acervo contemporâneo incentiva o interesse de forma mais transparente, permitindo o acesso ao passado através de algo que se conhece — o presente. Ao mesmo tempo os historiadores admitiam que hoje já existe a noção de uma relação direta do historiador com o imediato.

Esses e outros argumentos, só para acentuar algumas concordâncias de posições entre profissionais de áreas variadas em tempos diversos, demonstraram existir uma rede comum nas predisposições e expectativas, aguardando sua consolidação numa política coerente dirigida pelos museus aos seus previstos usuários.

Priscilla Freire
Coordenadora do Sistema Nacional de Museus da SPHAN/próMemória.

Considero que o Seminário contribuiu, de forma muito positiva, para o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Museu Histórico Nacional. Analisarei os seus resultados a partir de cinco momentos distintos.

O primeiro deles se refere à reflexão da Casa sobre si mesma, seus trabalhos e resultados para a elaboração de um relatório, em fevereiro de 1988. O segundo momento foi o da visita dos consultores e relatores ao MHN. Os especialistas convidados foram muito bem escolhidos, não só pela sua capacidade profissional e interesse pela instituição, como por seu envolvimento com o Museu Histórico Nacional, tanto no passado como nos dias de hoje.

Fotos: Luciana Castelo Branco.



Depoimentos interessantes...

As visitas, num total de seis, possibilitaram uma troca de experiências e idéias, que muito nos enriqueceu. O terceiro momento foi o do seminário aberto, no qual profissionais de várias áreas do conhecimento foram convidados a debater extenso programa, com temas pertinentes e bastante abrangentes. O nível alcançado foi excelente e nossa sugestão é o desdobramento do Seminário dada a riqueza dos assuntos levantados pelos painelistas.

O quarto momento foi o da parte fechada do Seminário onde, face aos relatórios feitos pelos consultores, pudemos aprofundar nossa reflexão, debater com eles alguns pontos e obter, através deste diálogo, um relatório final definidor de pontos fundamentais. A quinta e ultima fase foi a avaliação interna, realizada após o Seminário, face aos documentos produzidos, e a elaboração de um plano de trabalho norteado pelas contribuições deste encontro em seus diversos momentos.

Os principais pontos do documento final do Seminário, em relação ao MHN, foram: a existência de um projeto claro e definido para o Museu; o acerto da proposta conceitual, refletida no primeiro módulo da exposição permanente "Colonização e dependência"; a excelência da Reserva Técnica; as adequadas instalações da Biblioteca e do Arquivo; o entrosamento da equipe.

Foram dadas as seguintes sugestões para a equipe técnica do MHN: continuar as obras; enfatizar a pesquisa histórica e museológica; criar uma política clara de aquisição de acervo; estabelecer um maior intercâmbio com a Universidade; estabelecer uma política mais agressiva para a conquista de público.

Solange de Sampaio Godoy
Diretora-Geral do Museu Histórico Nacional

A realização do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* foi de grande importância para a vida e o funcionamento dos museus brasileiros. O Seminário tomou como referência os quatro chamados museus nacionais: o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Imperial e o Museu da República. Foi realizado um corte vertical no funcionamento e na organização desses museus e foram válidas as opiniões e mesmo as críticas levantadas.

Desejaria, pois, que se tomasse esse Seminário como um acontecimento bastante válido na vida dos museus brasileiros, e fosse periodicamente repetido em outras oportunidades, para, inclusive, possibilitar um maior intercâmbio entre nossas casas de cultura, devendo ser, quem sabe?, convidados outros museus nacionais para tomar parte nos debates.

Lourenço Luiz Lacombe
Diretor do Museu Imperial

Foi um Seminário perfeitamente organizado, impecável em todos os sentidos. A atuação dos painelistas e convidados, as comunicações feitas e conclusões a que se chegou, todas em elevado nível, retrataram, a meu ver, o universo que um museu moderno, independentemente do acervo que conserva, deve abranger e representar. Felicito o Senhor Ministro da Cultura e o Secretário da SPHAN e Presidente da próMemória pela louvável iniciativa. Mas espero que se entenda, como entendi, que o Seminário não se esgotou em si mesmo. Pelas questões levantadas, creio na urgente necessidade de que voltemos a nos reunir — agora no âmbito da própria SPHAN/próMemória — para discutir e analisar algumas questões fundamentais colocadas no encontro com muita propriedade, tais como racionalização e qualidade de acervos e reciclagem periódica de pessoal em todos os níveis — a exem-



...conseguem prender a atenção da platéia, durante o Seminário.

plo do que se faz nas empresas modernas —, a fim de que a SPHAN/próMemória atue na plenitude daquilo a que se propõe.

Alcídio Mafra de Souza
Diretor do Museu Nacional de Belas Artes

A realização do Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* ocorreu num momento importante para o trabalho de reabertura do Museu da República. O projeto que ora vem sendo desenvolvido no MR, com vistas à sua reabertura, está passando pelo seu ponto decisivo, ou seja, a fundamentação de sua proposta conceitual, já discutida exaustivamente nos últimos quatro anos de nossas atividades.

Entendemos que a realização do Seminário, visto como um todo desde a visita dos consultores aos museus, passando pelas palestras proferidas nos três primeiros dias e culminando com os pareceres finais desses consultores, veio ao encontro da idéia que consideramos básica: a democratização das discussões acerca da realidade dos Museus ditos Nacionais no Brasil e a busca de soluções que reflitam o caminho de transformação dessas instituições.

O fato de o MR estar fechado e implantando sua proposta conceitual com vistas à reabertura possibilitou-nos a troca de idéias com os Consultores, a reflexão conjunta e a discussão sadia e benéfica à concretização de nosso sonho.

Vale ressaltar aqui a competência dos organizadores do Seminário e dos consultores e técnicos convidados, fator decisivo para o rumo dos trabalhos. É importante ressaltar ainda o trabalho da equipe do Museu, responsável maior pelos resultados colhidos.

Cumprimento o Secretário da SPHAN/Presidente da Fundação Nacional próMemória, Oswaldo de Campos Melo, pela idéia que espero seja o início de um processo.

Lílian Elma Barretto
Diretora do Museu da República

Considero que nossos países latino-americanos enfrentam uma etapa muito difícil em sua existência histórica. Um dos aspectos mais importantes que devemos buscar é um sentido próprio de nossa existência; e ao museu nacional cumpre uma função central, qual seja a de construir uma consciência coletiva sobre nossos próprios valores, de nossa capacidade de resolver autonomamente nosso próprio destino. Por causa disso, penso que esse tipo de evento permite discutir e pôr-nos neste momento de acordo sobre um conjunto de formas de confrontar a tarefa dos museus nacionais em relação com a identidade de nosso povo com seu patrimônio, com seu sentido nacional, a fim de garantir um futuro muito mais digno. Nessa direção, acho que o resultado de um Seminário como esse será muito positivo para o desenvolvimento não só dos museus em si, mas aos desafios a enfrentar com relação a nosso povo.

Luis Guillermo Lumbreras Salcedo
Arqueólogo e antropólogo. Ex-Diretor do Museu Nacional de Antropologia y Arqueologia e atual Diretor do Instituto de Estudos Andinos - Peru

Num país como o Brasil, o conceito de Museu Nacional tem que ser redefinido, levando em conta seu imenso território, as diversidades regionais, a identidade nacional; os testemunhos do passado, mas também os problemas fundamentais que tem hoje o Brasil e as suas perspectivas e potenciais para seu desenvolvimento futuro.

Considero que este Seminário é uma abertura para que os museus denominados nacionais tenham uma perspectiva, uma visão diferente, que leve a maior interação entre museu e povo.

Sylvio Mutal
Coordenador-Geral do Projeto Regional do Patrimônio Cultural e Desenvolvimento PNUD/UNESCO para a América Latina

O Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* superou, sem dúvida, todas as expectativas, tanto pelo lado dos organizadores que reuniram nomes destacados para as conferências e painéis como pela presença surpreendente do público em geral.

A platéia constantemente lotada e sua participação realmente demonstrou o interesse que o Museu hoje desperta na população. Isto demonstra cada vez mais as enormes possibilidades abertas para o chamado Marketing Cultural. O Museu enquadra-se perfeitamente neste caminho e certamente será um dos setores da cultura que terá apoio importante da iniciativa privada. A Hoechst do Brasil já vem investindo há oito anos em cultura.

Jorge Perutz
Diretor de Relações Públicas da Hoechst do Brasil

Como estou ligado aos problemas dos museus numa perspectiva de investigação, julgo que a oportunidade e a intenção da realização deste Seminário são excelentes, pois trata-se de um típico trabalho de museu este da análise e programação setorial das atividades, agora dando seus primeiros passos. Nos contextos brasileiro e português, os museus nacionais merecem realmente ser um dos temas primeiros desta análise e desta programação. Um seminário desse tipo em Portugal teria a mesma atualidade e o mesmo interesse.

Henrique Francisco Martins Coutinho Gouveia
Instituto Português do Patrimônio Cultural (IPPC) e Professor da Universidade Nova de Lisboa

Desejamos parabenizar o MinC e a SPHAN/próMemória pelo sucesso alcançado na realização do Seminário, ocorrido no Rio de Janeiro, em junho. A presença da Souza Cruz nesse evento pode ter surpreendido a quantos não conheçam a participação da empresa na vida cultural do país.

A Souza Cruz tem prestigiado sempre projetos culturais, que vão desde a música até o balé, às artes visuais e ao teatro. Ela preserva nosso patrimônio histórico, tendo criado o Museu de Arte Sacra, em São João del-Rei, e também leva seu apoio à ecologia através do Centro de Primatologia, no Estado do Rio de Janeiro, além das Hortas Escolares e do Clube da Árvore, no Sul do Brasil.

Alvino Costa
Gerente de Comunicação Social da Cia. Souza Cruz Ind. Com.

ENTREVISTA

**Trinta e três casas de cultura que,
para ingressarem em uma nova fase,
mais condizente com a sua importância
e com a nossa realidade,
necessitam antes de mais nada
modificar sua imagem junto ao seu público
e aos freqüentadores em potencial.
Assim, os museus da SPHAN/pró-Memória
foram analisados pela coordenadora-geral
de acervos museológicos da Instituição,
a museóloga Maria de Lourdes
Parreiras Horta, entrevistada desta edição especial
do *Boletim SPHAN/pró-Memória.***

— O que motivou a realização do Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas, *e quais os seus objetivos?*
MLH — O Seminário foi uma proposta do Professor Oswaldo de Campos Melo, que, assumindo a SPHAN/pró-Memória num momento de transição, pretendeu questionar e avaliar a função e o trabalho dos nossos museus — uma área que é um dos cernes da Instituição em termos de atividades e serviços e que comporta talvez a parte mais tangível do nosso patrimônio: o patrimônio móvel. Os museus são como laboratórios de análise e de pesquisa do grau de importância — valor — do patrimônio cultural e da sua preservação para a sociedade. Por esse trabalho estar mais concentrado nos museus do que nos monumentos ou núcleos históricos, por exemplo, ele se torna mais fácil de ser avaliado naquelas casas de cultura. Esse questionamento do trabalho dos museus tem por objetivo procurar saber o que nós estamos fazendo nessa área, como estamos executando os trabalhos, qual a sua importância e quais os benefícios que esse trabalho museológico realmente traz para a sociedade, e se não traz, quais os que poderia trazer. O Seminário foi, na verdade, uma avaliação da atuação dos museus no Brasil, no âmbito federal, com perspectivas de ampliação para todos os museus estaduais, municipais ou privados.

"O Seminário provocou ansiedade, pois uma avaliação, um questionamento, implica na prática de um exercício crítico."

— Qual a importância dessas avaliações pelo Seminário?
MLH — Avaliar esses "porquês e comos" foi a matéria-prima de trabalho para o Seminário. Um fato fundamental para a museologia é que esses questionamentos vêm sendo feitos há muitos anos em nosso país pelas áreas museológicas, e os órgãos oficiais responsáveis pela preservação do nosso patrimônio não haviam ainda se manifestado nessa questão. E isso traz um aspecto muito importante, porque qualquer política — e a museológica não é exceção — tem que ser baseada em premissas e conceitos e em ações correspondentes. E a gestão do bem público também não pode ser aleatória, deve orientar-se em fatos concretos. Se os museus são considerados instrumentos importantes para o desenvolvimento do país, é preciso saber quais os melhores meios para manter esse processo de andamento e vinculado à realidade de vida da população brasileira.

— Como foi o período de preparativos de Museus Nacionais: perfil e perspectivas?
MLH — Quando o Seminário foi proposto houve um longo período de gestação e discussões internas sobre como ele deveria ser, e isso gerou um clima de muita ansiedade e expectativas. Era como se a proposta pudesse ser desligada de uma situação política e administrativa geral do MinC e da SPHAN/pró-Memória. Parecia que o Seminário era um episódio fechado em si. E isso, como eu disse, provocou ansiedade, pois uma avaliação, um questionamento, implica na prática de um exercício crítico. Esta crítica implícita no Seminário foi aceita com certa relutância, já que nós não estamos acostumados a praticá-la com relação ao nosso trabalho. De certa maneira isso corresponde a um lado meio mitológico dos museus, que são instituições com uma aura de sacralidade e mistério que os tornam imunes a críticas e análises. Na imprensa, por exemplo, não existe uma coluna para crítica de museus, e quando estes se constituem notícias, isso se deve de um modo geral a algum incêndio ou roubo.

— Por que a escolha dos Museus Nacional de Belas Artes, Imperial, da República e Histórico Nacional para estudos de caso, e qual a razão de o Seminário ter tido uma etapa fechada ao público?
MLH — Esses Museus foram escolhidos por terem basicamente as mesmas características — museus nacionais administrados pela SPHAN/próMemória — e por deterem a maior parte do acervo histórico e artístico do país. Com relação à segunda parte do Seminário ter sido fechada, isso se deve principalmente à questão da ética profissional. Certos assuntos técnicos só podem ser discutidos com proveito entre profissionais de uma mesma área. Não se pode promover um seminário nacional sobre hospitais e convidar leigos para opinar sobre medicina. Nosso interesse é que a instituição sirva ao público e atenda às necessidades da população. O modo como isso deve ser feito — incluindo a adoção de técnicas e equipamentos —, cabe aos profissionais da área indicar. Não seria viável abrir-se a discussão técnica ao público, então optou-se por dividir o Seminário em duas partes: a primeira, aberta, conceitual, em que foram discutidas as necessidades dos museus e as suas funções, levando-se em conta a sociedade brasileira hoje; e a segunda, constituída por discussões técnicas, com a participação de consultores convidados, para que se pudesse analisar, em cada caso específico, as dificuldades, os problemas e as atividades que vêm sendo desenvolvidas, confrontando-se essas informações com os aspectos levantados na primeira parte do evento.

"Na imprensa, por exemplo, não existe uma coluna para críticas de museus, e quando estes se constituem notícia, isso se deve, de um modo geral, a algum incêndio ou roubo."

— Quais as maiores dificuldades técnicas dos museus brasileiros hoje?
MLH — Essas dificuldades vão desde a obtenção de matéria-prima para a realização dos trabalhos — não existem no nosso mercado produtos específicos que em outros países têm até dezenas de fabricantes — até a disponibilidade de mão-de-obra especializada para a execução de certas tarefas. A falta de um quadro ideal de funcionários, nas diversas áreas, no que diz respeito à quantidade de elementos e à formação, também se constitui em uma dificuldade, assim como a escassez de recursos. Isso faz com que se utilize muito a criatividade e se busque soluções alternativas e artesanais. Tudo isso é, inclusive, uma prova da importância de tornar pública a necessidade de aprimoramento dos museus.

— Quais as diferenças mais significativas entre os museus brasileiros e os estrangeiros?
MLH — Lá fora existe uma forte cobrança ao governo, enquanto gestor do bem público, por parte da população. Um processo que é intimamente ligado à conscientização das pessoas quanto à importância de preservar seu patrimônio cultural. Aqui não há essa cobrança, já que também não existe uma conscientização quanto à preservação. As pessoas estão tão preocupadas com outros assuntos, inclusive com o dinheiro que têm que ganhar, para sobreviver, que acabam não tendo muito tempo para usufruir da sua memória cultural e assim adquirir mais consciência sobre o momento em que elas vivem. Os museus estrangeiros não são melhores que os nossos porque eles lá têm mais dinheiro ou melhor formação — considere-se ainda a nossa dificuldade de acesso até hoje a certas publicações especializadas. O que os leva a terem sempre filas nas suas portas, bem como uma boa performance financeira e até mesmo uma produção cultural e científica mais significativa, é o nível de exigência e educação da população.

— Pode uma obra de arte, ou objeto histórico, despertar interesse em indivíduos desprovidos de instrução e educação ou que nunca tenham sido orientados no sentido de valorizar a arte e a história?
MLH — Uma relação com testemunhos da história e da arte sempre é internalizada, e a percepção está sempre presente em qualquer indivíduo. Gerando um conhecimento formal ou informal, essa percepção sempre constituirá uma experiência sensível. Qualquer pessoa olhará para os objetos e os interpretará ao seu modo e de acordo com as referências que possuir, e sempre haverá uma conotação correspondente ao objeto. A visão de cada pessoa é absolutamente individual e os significados também o são. Ativar e explorar esses bancos de dados existentes nas pessoas é justamente a tarefa dos museus, a quem cabe, também, possibilitar a seu público inserir-se num sistema referencial maior, mais coletivo.

"Não existem em nosso mercado produtos específicos para trabalhos ligados à museologia, que em outros países têm até dezenas de fabricantes."

— Como se dá hoje o relacionamento entre os museus e os diversos setores da área educacional?
MLH — Os setores educacionais dos museus não podem funcionar sem entrosamento com a escola. E, nesse trabalho de entrosamento que temos procurado desenvolver, descobrimos que é preciso haver uma reformulação no sistema educacional formal. Uma série de vícios históricos e de estrutura existentes nesse sistema acabam dificultando o uso dos museus como agentes de educação. Quando a gente procura um maior entrosamento com a escola, é para que o museu se constitua num instrumento motivador e provocador de questões. Cabe à escola, então, desenvolver as experiências vividas informalmente nos museus. Isso acontece, com poucas exceções, até porque a maioria dos professores não estão preparados para extrair dos museus todo esse potencial e trabalhar seus currículos com base nisso. O sistema educacional não estimula o aluno através de um aprendizado crítico e ativo, em que ele possa julgar. Tudo se resume a um discurso teórico e abstrato sobre fatos e eventos; e como não cabe ao museu competir com a escola — não é essa a sua função —, acaba existindo essa desintegração, como se a escola e o museu estivessem em universos separados. A visita ao museu pelas escolas é, lamentavelmente, em muitos

casos, uma atividade extraclasse, no mau sentido: é feita naquele dia em que não tem aula e sob a supervisão de professores de educação física, por exemplo.

"O discurso do museu deve dizer respeito ao hoje, senão ele estará falando para o passado, para fantasmas, ou o pior, para si mesmo."

— O que poderia ser feito para melhorar a comunicação entre os museus e seu público?
MLH — É necessário, primeiramente, que tudo seja traduzido para o público, com a utilização de uma linguagem que ele possa entender. Ao se montar uma exposição, é importante que fique bastante claro que ela deve ser montada para o público, de forma acessível. Um outro fator de importância é também deixar o visitante consciente de que a mensagem que está sendo passada representa a abordagem da equipe do museu fundamentada em pesquisas e estudos. Ela não pode ser interpretada como uma verdade absoluta, incontestável, já que existem inúmeras interpretações de um mesmo fato. E, finalmente, talvez a medida mais importante seja fazer com que o discurso diga respeito ao hoje. Porque, se não houver uma referência imediata com a vida que você esteja vivendo, se você não conseguir se inserir naquela situação, entendendo o presente mediante a visão do que pasou e de alguma maneira projetar essas reflexões em nível de futuro, o museu estará falando para o passado, para fantasmas, ou pior, para si mesmo. Eu mesma já me peguei montando exposições para satisfazer o gosto dos meus colegas. Esse era um critério, errado, para saber se as exposições estavam ótimas, em termos técnicos, de discurso e abordagem.

— Por falar em comunicação, durante o Seminário a editora do caderno "Folha Ilustrada", do jornal Folha de São Paulo, *Márion Strecker, exemplificou vários casos em que há falta de entrosamento entre os museus e os veículos de comunicação. Como você vê este problema?*

MLH — Realmente a divulgação é muitas vezes deficiente, porque da mesma forma que existe falta de profissionais especializados em outras áreas dos museus, existe também na área de comunicação. Esse trabalho é realizado, em muitos casos, empiricamente, por especialistas de outras áreas que, obviamente, não falam a mesma "linguagem" da imprensa, do setor jornalístico. Assim, as notícias são passadas com enfoque diferente do que seria necessário para despertar o interesse de quem as deveria divulgar. Por outro lado, existe também o problema do interesse do público.

Enquanto o discurso do museu não for capaz de despertar o interesse do público, não há "cristão" que faça os jornais divulgá-los espontaneamente, e a eles destinar um espaço maior. Além disso, temos que trabalhar a imprensa, chamá-la para dentro do museu e passar as informações realmente importantes para o conhecimento do público. Se for possível passar uma imagem mais significativa dos museus, eles se farão necessários e poderão contar com um público maior e mais apoio financeiro. Então, quando se fizer uma campanha estimulando o consumo dos valores culturais ligados aos museus, a abordagem aos possíveis patrocinadores não se constituirá num ato de pedir, mas sim de oferecer.

— Com base nesta visão abrangente sobre a situação dos nossos museus, você acha que chegou a hora de se promover uma campanha ampla e esclarecedora sobre os museus da SPHAN/pró-Memória?
MLH — Sim, eu acho. Assim como eu acho que a SPHAN/prόMemória não cuidou bem da sua imagem. Não por intermédio de propagandas do tipo "veja o que nós estamos fazendo", mas sobre a importância dos trabalhos realizados. Não adianta você elaborar e veicular uma chamada sugerindo a visita a um museu tal, se você não mostra a importância individual desse gesto. Uma campanha seria importante para reforçar a imagem da Instituição e das suas unidades, enfocando a importância das tarefas desenvolvidas. Um caminho paralelo para que houvesse esse engajamento às causas da SPHAN/prόMemória talvez fosse a criação de uma sociedade de amigos, por exemplo. Na verdade, o importante é que sejam tomadas medidas com a finalidade de modificar as atitudes das pessoas com relação à SPHAN/prόMemória.

— Quais os efeitos da realização do Seminário que já podem ser sentidos?
MLH — O primeiro deles foi sem dúvida a constatação de que a crítica é sempre produtiva, e de que os anseios ligados à prática museológica pertencem a um grupo, onde pode haver intercâmbio de conhecimentos e experiências. Além dessa conscientização de classe, foi importante também a conscientização das autoridades, que tiveram uma verdadeira lição de museologia, já que uma das nossas grandes dificuldades se deve ao desconhecimento acentuado sobre esta área, que é muito específica. O que um museu faz ou precisa para cumprir suas tarefas, talvez fosse de certa forma ignorado. Essa melhor compreensão já é um início importante.

"Na verdade, o importante é que sejam tomadas medidas com a finalidade de modificar as atitudes das pessoas com relação à SPHAN/prόMemória."

— Para finalizar, gostaríamos que você dissesse o que significa, no seu entender, o hábito de freqüentar museus. Poderia dizer-se que ser moderno é freqüentar museus?
MLH — Depende do lugar onde você esteja. Nos Estados Unidos, sim. É uma atitude moderna, que faz parte do cotidiano daquele país, assim como ir a um restaurante jantar. Na França, freqüentar museus é ser francês, é motivo de profundo orgulho da tradição museológica e do patrimônio que está nos museus. Na Alemanha, de museus modernissimos, ser intelectual ou artista é freqüentar museus. Bem como freqüentar museus na Inglaterra é ser *gentleman*. Já no Brasil freqüentar museus não é nada disso. Freqüentar museus no Brasil é ser meio exótico, infelizmente.

MNBA: um museu crescendo

O Museu Nacional de Belas Artes, da SPHAN/próMemória, vai triplicar de tamanho ainda este ano, conquistando, depois de meio século de existência, um espaço à altura de sua importância e tradição no mundo cultural brasileiro. A ampliação, das mais significativas, se tornou possível com a transferência da Fundação Nacional de Arte — FUNARTE, que ocupava dois terços do prédio, para o Palácio Gustavo Capanema.

A mudança da FUNARTE já começou — quase 1.000m² já estão vagos — e se prolongará pelos próximos meses. Com isso, o MNBA vai ganhar uma área há muito reivindicada e que é absolutamente necessária ao aprimoramento das suas atividades.

Fundado em 1937, o MNBA, apesar do aumento de seu acervo e serviços, ao invés de crescer fisicamente, foi gradativamente diminuindo. O edifício eclético da Avenida Rio Branco, 199, sua sede, foi inaugurado em 1908 para abrigar a Escola Nacional de Belas Artes. Criado 29 anos depois, o Museu passou a compartilhar do mesmo prédio com a escola, e dela herdou sua pinacoteca, que pertenceu à antiga Academia Imperial de Belas Artes.

Quando a Escola Nacional de Belas Artes foi transferida para a Ilha do Fundão, em 1976, o lógico seria que o Museu ocupasse todo o prédio, mas não foi o que aconteceu. No mesmo ano, a então recém-criada FUNARTE necessitava de espaço e instalou-se no local, ocupando até mesmo algumas dependências pertencentes ao MNBA. Com isso criou-se uma situação problemática para o Museu, que ficou com apenas 5.247m² — um terço — do total de 14.560m² de área ocupável.

Dinamizando

Uma das primeiras providências da atual Diretoria do Museu, que assumiu no final de 1981, foi restaurar inteiramente a Sala Bernardelli, medida viabilizada por meio de um convênio com a João Fortes Engenharia. A sala, destinada a exposições temporárias, recuperou seus 240m² originais, que haviam sido reduzidos devido a subdivisões efetuadas. Foi inaugurada ainda a Sala Carlos Oswald, com acesso direto pela Rua Araújo Porto Alegre. Além disso, foram criados os gabinetes de gravura e desenho, e o setor educativo, destinado ao público infantil.

A Galeria Perimetral — a maior de todas e que percorre em quase toda extensão as laterais do Museu —, no entanto, teve que ser desativada em 1983, devido a infiltrações, e ainda não pôde ser reaberta. Para deixá-la em condições de utilização, foi preciso recuperar todo o terraço, num trabalho minucioso que incluiu a restauração das clarabóias originais, que estavam encobertas por um telhado de amianto. Cada vidro aramado comprado para as clarabóias — são cerca de 800 — custava 20 mil cruzados em maio passado.

Com uma política dinamizadora, entretanto, as doações ao MNBA, que rareavam, começaram a crescer, acarretando o aumento de seu acervo em aproximadamente cinqüenta por cento — de 10.500 peças, em 1981, para 15.000, atualmente; e o problema agora é onde guardar e expor essas obras, das quais 2.000 foram restauradas nos últimos seis anos. Para o diretor do MNBA, Alcídio Mafra de Souza, "o problema do espaço não cria apenas desconforto, mas afeta também a produtividade", já que, segundo ele, muita gente em ambientes pequenos resulta inevitavelmente em dispersão.

Na sua opinião, a doação de 300 obras de Djanira, feita pelo viúvo da pintora, do quadro *Êxodo II*, de Lasar Segall, efetuada pelo filho do artista, e da tela *Brodósqui*, de Portinari, concretizada pela viúva Otto Maria Carpeaux, são sintomas bastante significativos do processo de reabilitação pelo qual o MNBA vem passando.

Agora, com o aumento de espaço, as perspectivas são ainda melhores. A direção do Museu já tem pronto, inclusive, todo um plano de ocupação, cuja execução vai depender dos recursos que venham a ser obtidos. "Optamos por um projeto simples e perfeitamente exeqüível", refere-se o diretor ao plano que prevê, entre outras coisas, a instalação de mais três salas de exposição, uma lanchonete, a ampliação do setor educativo, da biblioteca e da reserva técnica, e a instalação de uma oficina para serviços gerais, bem como de laboratórios para a recuperação de arte sobre papel.



Foto: Arquivo MNBA.

NOTICIÁRIO

Museus SPHAN/prόMemória
localização

Museu Imperial
Rua da Imperatriz, 220
25.600-Petrópolis-RJ
Tel.: (0242) 42-7012

Museu Histórico nacional
Praça Marechal Âncora s/nº
20.021-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 220-2328 e 240-7978

Museu Nacional de Belas Artes
Av. Rio Branco, 199
20.040-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 242-0068 e 240-6896

Museu da República
Rua do Catete, 179
20.220-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 265-9747, 225-4302, 225-4873 e 285-0795

Paço Imperial
Praça XV de Novembro, 48
20.010-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 224-2407, 224-8836 e 232-8333

Museu Villa-Lobos
Rua Sorocaba, 200
22.271-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 266-3845 e 266-3894

Museu de Biologia Professor Mello Leitão
Av. José Ruschi, 4 - 1º andar
29.650-Santa Teresa-ES
Tel.: (027) 259-1182

Sítio Burle Marx
Estrada da Barra de Guaratiba, 2.019
23.000-Guaratiba-RJ
Tel.: (021) 310-1412

Museu Lasar Segall
Rua Afonso Celso, 388
04.119-São Paulo-SP
Tel.: (011) 572-8211 e 571-1994

Museu da Chácara do Céu
Rua Murtinho Nobre, 93
20.241-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 224-8981 e 232-1386

Museu do Açude
Estrada do Açude, 764
20.531-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 238-0368

4ª Diretoria Regional

Museu da Abolição
Rua Benfica, 1.150
50.000-Recife-PE
Tel.: (081) 228-3011

5ª Diretoria Regional

Museu Regional de Cachoeira
Praça da Aclamação, 4 - 1º andar
44.300-Cachoeira-BA
Tel.: (075) 724-1123

6ª Diretoria Regional

Museu Solar Monjardim
Av. Paulo Müller s/nº
Caixa Postal 408
29.000-Vitória-ES
Tel.: (027) 227-5611 e 222-3788

Museu Casa de Benjamin Constant
Rua Monte Alegre, 255
20.240-Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (021) 231-1248

Museu de Arqueologia de Itaipu
Praça Itaipu s/nº
24.300-Niterói-RJ
Tel.: (021) 722-5439

Museu de Arte Sacra da Igreja de Santa Rita
Largo de Santa Rita s/nº
23.970-Parati-RJ
Tel.: (0243) 71-1620

Museu da Casa da Hera
Rua Dr. Fernandes Júnior, 84
27.700-Vassouras-RJ

Centro de Artes e Tradições Populares
Forte Defensor Perpétuo
Marco do Forte s/nº
23.970-Parati-RJ

Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio
Convento de N. Srª dos Anjos
Largo do Convento s/nº
28.900-Cabo Frio-RJ

8ª Diretoria Regional

Museu das Bandeiras
Praça Dr. Brasil Ramos Caiado s/nº
76.600-Goiás-GO
Tel.: (062) 371-1087

Museu de Arte Sacra da Igreja da Boa Morte
Rua Luís Couto (antiga da Fundição)
76.600-Goiás Velho-GO
Tel.: (062) 371-1207

Casa Setecentista do Pilar
(Casa d'Enxaimel)
Rua da Cadeia s/nº
77.180-Goiás-GO

9ª Diretoria Regional

Casa Lacerda
Rua 15 de Novembro, 67
83.750-Lapa-PR

10ª Diretoria Regional

Casa Natal de Victor Meirelles
Rua Saldanha Marinho, 3
88.000-Florianópolis-SC
Tel.: (0482) 23-0883

Museu das Missões
Rua São Miguel das Missões
98.000-Santo Ângelo-ES

Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais

Museu da Inconfidência
Praça Tiradentes, 139
35.400-Ouro Preto-MG
Tel.: (031) 551-1121

Casa Histórica de Mariana
Rua Direita, 7
35.400-Mariana-MG

Museu Regional de São João del-Rei
Rua Marechal Deodoro, 12
36.300-São João del-Rei-MG
Tel.: (032) 371-2354

Museu do Ouro
Rua da Intendência s/nº
34.500-Sabará-MG
Tel.: (031) 671-1848

Museu do Diamante
Rua Direita, 14
39.100-Diamantina-MG
Tel.: (037) 931-1382

Casa Setecencista de Caeté
(Museu Regional)
Rua Israel Pinheiro, 176
34.800-Caeté-MG
Tel.: (031) 651-2388

Complexo Museológico do Serro
Rua da Fundição do Ouro s/nº
39.150-Serro-MG
Tel.: (037) 641-1379

NOTICIÁRIO

Agenda

Relacionamos abaixo uma série de atividades e eventos a serem desenvolvidos por alguns dos Museus ligados à SPHAN/próMemória, nos meses de setembro e outubro.

15.09 a 09.10
Museu Nacional de Belas Artes — Exposição de gravuras de Marília Rodrigues.

15.09 a 16.10
Paço Imperial — Exposição de fotografias de Sebastião Salgado, contendo dois momentos do seu trabalho: "Sahel", com fotos desta região pobre da Etiópia e vizinhanças, e "Others Americas", trabalhos sobre as Américas Central e do Sul.

16.09 - 17h
Museu Imperial — "Rui Barbosa e os arquivos sobre a escravidão." Palestra proferida por Francisco de Assis Barbosa.*

23.09 - 17h
Museu Imperial — "O Escravo e sua responsabilidade civil e penal: do Absolutismo ao Liberalismo." Palestra proferida por Arno Welling.*

28.09 a 18.11
Museu Nacional de Belas Artes — Exposição "Universo Acadêmico". Coleção de desenhos brasileiros do século XIX.

Até 30.09
Museu da Chácara do Céu — Exposição **Jazz de Matisse**, com 19 litografias do artista sobre o tema.

30.09 - 17h
Museu Imperial — "A Abolição aboliu o Império?". Palestra proferida por José Luiz Werneck da Silva.*

30.09 - 21h
Museu Imperial — Apresentação do Coral Municipal de Petrópolis, em homenagem à data comemorativa da elevação de Petrópolis à categoria de cidade.

** Outubro
Museu Histórico Nacional — Exposição "De Pedro a Pedro". Mostra de marionetes de Suzana Rodrigues, com cerca de 150 marionetes, representando os principais personagens da nossa História, do descobrimento do Brasil até a Independência.

02.10 - 15h 30min
Museu Chácara do Céu — Duo de Gambas (Myrna Herzog e Francine Berkmans).

02.10
Museu da República — Projeto Domingo no Museu. Atividades desenvolvidas no parque do Museu, dirigidas ao público infanto-juvenil, com finalidades educativo-culturais — gincanas, jogos, danças, apresentações de peças teatrais, etc.

06.10 a 06.11
Paço Imperial — Mostra comemorativa dos 20 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil.

07.10 - 17h
Museu Imperial — "Situação dos descendentes de escravos que voltaram à África após a Abolição." Palestra proferida por Raimundo de Souza Dantas.*

13.10
Museu Nacional de Belas Artes — Exposição "Arte Africana", fazendo parte das comemorações do Centenário da Abolição.

14.10 - 17h
Museu Imperial — "Localização documental de alguns quilombos na região de Petrópolis." Palestra proferida por Antônio Isaías da Costa Abreu.*

18.10 a 08.11
Paço Imperial — Mostra de gravuras e esculturas de Kathe Kollwitz, artista alemã, uma das pioneiras do Expressionismo.

18.10 a 16.11
Paço Imperial — Exposição "Tesouros do Kremlin", contendo jóias valiosas trazidas da Rússia.

21.10 - 17h
Museu Imperial — "Documentação referente à Abolição." Palestra proferida por Vítor Marques da Fonseca.*

23.10
Museu Chácara do Céu — Duo Diálogos (marimba, vibrafone e percussão), com Joaquim Abreu e Carlos Larcha.

** Outubro
Museu Histórico Nacional — Exposição "Armas que não vão à guerra", mostrando armas não militares como armas japonesas, revólver de senhora, bengala, carabina e outras.

** Outubro
Museu Histórico Nacional — Seminário Gustavo Barroso, comemorando o centenário do fundador do MHN, com três palestras sobre sua obra, vida e personalidade e a relação com o MHN.

Observações:

* Ciclo de Conferências em comemoração aos cem anos da Lei Áurea.
** Sem data definida até o fechamento desta edição.

Publicações

Estas são algumas das publicações sobre os quatro Museus Nacionais da SPHAN/próMemória, à disposição do público nas sedes dessas instituições.

Museu Histórico Nacional
- Catálogo da Exposição permanente "Peru Arqueológico" — Cz$ 300,00
- Catálogo Thesaurus — feito por técnicos do Museu — Cz$ 100,00
- Posters:
  - A Casa do Trem — Cz$ 100,00
  - Carreira das Índias — Cz$ 100,00
  - História do Vestuário — Cz$ 100,00
- Seis tipos de cartões-postais diferentes, da Exposição "Colonização e Independência" — Cz$ 130,00

NOTICIÁRIO

- Poster "Leandro Joaquim" — Cz$ 1.300,00

Museu da República
- Flagrantes do Passado — nº 1 — Cz$ 1.000,00

Museu Imperial
- Anuário do Museu Imperial — 1973, 1981/1982 — Cz$ 300,00
- Inventário Leitão da Cunha — Cz$ 80,00
- Inventário Analítico da Casa Imperial do Brasil Cz$ 100,00
- Livro do Museu Imperial — Cz$ 1.500,00
- Chefes do Executivo Fluminense — Cz$ 100,00
- Princípios de Heráldica — Cz$ 250,00
- Catálogo de Medalhas Premiais e Comemorativas no 2º Reinado — Cz$ 150,00
- D. Pedro II pela Imagem — Cz$ 150,00
- Folheto do Museu Imperial (em três idiomas: português/francês/inglês) — Cz$ 200,00
- Guia do Museu Imperial — Cz$ 70,00
- Cartão-postal do Museu Imperial — Cz$ 20,00

Museu Nacional de Belas Artes
- Arte Brasileira do século XX — Cz$ 1.500,00
- Acervo do Museu — Cz$ 4.000,00
- Djanira — Cz$ 2.000,00
- Victor Meirelles de Lima — Cz$ 1.500,00
- Acervo de Gravura — Cz$ 80,00
- Carlos Oswaldo — Cz$ 400,00
- Histórico do MNBA — Cz$ 100,00
- Introdução ao conhecimento da gravura em metal — Cz$ 300,00

Vídeos Goiás

Os Museus das Bandeiras e de Arte Sacra da Boa Morte, ambos na cidade de Goiás (GO), acabaram de receber uma importante contribuição: os vídeos *Veiga Vale, O Santeiro de Goiás* e *História da Ocupação de Goiás pelos Filhos da Terra.*

Os vídeos, que serão exibidos aos visitantes antes de iniciarem seu percurso pelas exposições dos museus, contextualizam a obra de Veiga Vale, sua produção artística e sua maneira de viver, no Brasil de sua época, e contam a trajetória das Bandeiras — a colonização do território, portanto —, a mineração ontem e hoje, a participação de negros, índios e brancos no desenvolvimento do centro-oeste.

A iniciativa, que fará circular o material gravado também na rede de ensino do Estado, é da atual direção da SPHAN/próMemória, que pretende dotar todos os museus e casas históricas da Instituição de material de apoio semelhante.

Dentro do mesmo projeto, a próMemória Vídeo já está com pesquisas e roteirização de mais cinco vídeos: O Museu Regional de São João del-Rei receberá um sobre o *Vale das Vertentes*; o Museu da Inconfidência, sobre a *Inconfidência Mineira*; o Museu do Ouro, sobre o *Ciclo do Ouro;* o Museu do Diamante e a Chácara do Barão, sobre o *Ciclo do Diamante*; e, finalmente, aproveitando a produção em Minas Gerais, será realizada a gravação de um especial entitulado *Aleijadinho: Vida e Obra.*

O projeto, até o momento, teve seus custos cobertos pela SPHAN/próMemória, que começa a ativar segmentos da sociedade para parcerias que viabilizem economicamente o trabalho.



Fotos: Arquivo próMemória Vídeo.



NOTICIÁRIO

Doação

O apoio da iniciativa privada aos projetos e ações culturais é um fato cada vez mais constante, após a criação da Lei Sarney. Desta vez foi o Museu da Chácara do Céu, localizado em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, que recebeu do MontrealBank, no mês de julho, uma sofisticada aparelhagem de som para aprimorar a qualidade dos concertos — que acontecem aos domingos — da série MontrealBank de Música de Câmara. A doação, através da Lei 7.505, no valor de 900 mil cruzados, constou de quatro microfones importados, alto-falantes e amplificadores, que foram entregues em solenidade no dia 03/07, antecedendo o espetáculo daquele domingo.



Foto: Geraldo Viola

Museu da Chácara do Céu, interior.

Visita ilustre

O Presidente de Portugal, Mário Soares, visitou, dia 13 de agosto, o Sítio Burle Marx — unidade da SPHAN/próMemória localizada em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro (RJ), e responsável pelo estudo, catalogação e preservação de espécies da flora, principalmente a brasileira.

Mário Soares percorreu durante cerca de uma hora — na companhia do paisagista Roberto Burle Marx — os ripados e estufas, que abrigam parte das 3.500 espécies existentes no sítio.

Informações complementares

Informações complementares sobre *Museus Nacionais: perfil e perspectivas* podem ser obtidas diretamente com a comissão organizadora do evento, constituída por Margarida M. Rodrigues Ramos, Maria de Lourdes Parreiras Horta e Rosane Maria Rocha de Carvalho — Av. Rio Branco, 46, Cep 20.090, fone (021) 296-5115, no Rio de Janeiro (RJ) —, e Priscila Freire e Célia Maria Corsino — SBN, Quadra 14, Bloco F, Edifício Central Brasília, Cep 70.040, fone (061) 226-4948.

Museus Nacionais: perfil e perspectivas foi gravado, na íntegra, em videocassete, pela próMemória Vídeo, e estará documentado, também integralmente, nos *Anais*, cuja produção vem sendo cuidada pelo Núcleo de Editoração da SPHAN/próMemória.

Frutos

Já começou a dar frutos a realização de *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*. A Secretaria-Geral do Ministério da Cultura liberou um crédito complementar de Cz$ 200 milhões para aplicação nos museus nacionais ligados à SPHAN/próMemória, assim distribuído: Cz$ 100 milhões para o Museu da República, Cz$ 50 milhões para o Museu Nacional de Belas Artes, Cz$ 30 milhões para o Museu Histórico Nacional e Cz$ 20 milhões para o Museu Imperial. O principal motivo da medida foi a abordagem das necessidades dessas instituições pelo Seminário.

Convidados

Após o Seminário *Museus Nacionais: perfil e perspectivas*, os professores Thomas Seligman e Henrique Coutinho Gouveia estiveram em Ouro Preto, a convite da SPHAN/próMemória, para uma visita ao Museu da Inconfidência, onde participaram de um encontro com os técnicos da Casa.

A seguir, os convidados estrangeiros, por iniciativa da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, foram para Belo Horizonte. Lá, Thomas Seligman realizou palestra no Museu Mineiro sobre a questão do marketing nos museus americanos.

EXPEDIENTE

Editado pela Fundação Nacional *pró*Memória

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
José Sarney

MINISTRO DA CULTURA
Hugo Napoleão do Rêgo Neto (Interino)

SECRETÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL / PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓMEMÓRIA
Oswaldo de Campos Melo

EDITOR RESPONSÁVEL
Maria de Lourdes Castro Oliveira

REDAÇÃO
Rodney Dias Ribeiro
Maria da Graça Nobre Mendes
Marcus Vinicius De Lamônica Freire
Francisco Cereto

REVISÃO
Sylvio Clemente da Motta

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Aimojara Xavier e Gioietta Timóteo

PESQUISA E EXPEDIÇÃO
Geisa Martins

Esta edição contou com o apoio da Souza Cruz S.A.

Cartas

Desejo cumprimentar a SPHAN próMemória pela oportuna iniciativa de promover o Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas. *A iniciativa foi não só oportuna, como extremamente bem realizada, mostrando um nível de profissionalismo paradigmático em nossa cena cultural.*

Tendo sido provocada a pensar a questão dos museus nacionais, deixei com a mesa uma proposta que gostaria de ver concretizada. Propus a criação de um organismo que seria uma Comissão Nacional de Museus, órgão este que teria como função precípua assessorar no auscultar a comunidade nacional acerca da política museológica. O que o Seminário fez, de maneira concentrada a aberta durante estes três dias, poderia ser conduzido para um trabalho mais permanente. As dimensões continentais deste país e as necessidades cruciantes da área museológica me fazem pensar que os recursos existentes (tanto financeiros, quanto técnicos — mas sobretudo os conceituais*) precisam ser urgentemente racionalizados. A reunião periódica desta Comissão garantiria a permanência da reflexão e poderia gerar novos seminários para a discussão ampla do tema.*

Estamos, sem sombra de dúvida, num momento de perplexidade frente às nossas necessidades, conceituações e práticas. A contemporaneidade oferece desafios consideráveis ao sistema museal, sobretudo num país do Terceiro Mundo.

Passo importante foi dado com a realização deste Seminário que, pelo êxito de público, é, desde logo, uma indicação do nível de inquietação da comunidade. Ao cumprimentá-los por este êxito maiúsculo, como membro do Comitê do Sistema Nacional de Museus, gostaria de sublinhar minha crença de que o Sistema é o veículo adequado para a racionalização técnica e financeira a que aludi. Caberia à Comissão a racionalização conceitual.

Envio as mais cordiais saudações.
— Evelyn Berg Ioshpe
Representante RS no Comitê do Sistema Nacional de Museus.

Pelo presente, solicitamos a fineza de nos encaminhar uma cópia das palestras proferidas pelos participantes especiais Thomas Seligman e Crerryl McClenney Brooker, durante o Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas.

Acreditamos que essas duas conferências possam servir de valioso subsídio à Comissão Especial instituída para realizar a reflexão sobre o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.
— Maria Efigênia Lage de Resende
Chefe de Gabinete da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Conselho Federal de Museologia vem cumprimentá-los pela realização do Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas, *no Rio de Janeiro, no período de 20 a 24 de junho de 1988.*

A iniciativa pioneira desse Ministério, através da Fundação Nacional próMemória, em promover um amplo debate das questões museológicas atuais, abrindo espaço às demais áreas que atuam junto aos museus, é digna de louvor e aplausos por parte de toda a classe profissional de museus.

A participação maciça de profissionais de museus e áreas afins no Seminário demonstrou que o momento atual traduz a necessidade de busca de novos caminhos a serem adotados junto aos Museus Nacionais e há a certeza de que todos estarão empenhados em colaborar e repensar esses caminhos.

O Conselho Federal de Museologia, como órgão norteador da política museológica nacional, enquanto entidade de classe, aguarda com entusiasmo o resultado que advirá desse encontro e prestará todo o apoio necessário para que as medidas adotadas possam lograr o êxito esperado.
— Lais Scuotto
Presidente do Conselho Federal de Museologia

Após o convívio carinhoso e bastante produtivo dos dias do Seminário, estou de volta à batalha do dia-a-dia muito motivada. Apesar de os Congressos e Seminários serem muito criticados, acho que através deles ainda podemos repensar a nossa prática, o que considero muito profícuo.

Sentindo-me parte comprometida no seu sentido salutar pela consecução dos objetivos propostos, tomo a liberdade de dar algumas sugestões, para que possamos, principalmente a SPHAN próMemória e o MinC, realizar um acompanhamento e coletar dados concretos para uma análise posterior e conseqüente avaliação do Seminário:
a) Solicitar dos Museus avaliados um levantamento de providências tomadas ou a serem tomadas, a níveis interno e externo, após a realização do Seminário;
b) Encaminhar às autoridades competentes as solicitações que dependem de suas deliberações;
c) Após um período determinado e comunicado ao museu anteriormente, aplicar um questionário, onde serão coletados dados sobre a conceituação dos objetivos propostos, tomando por base o documento elaborado nos diversos grupos de discussão sobre os museus.

Acho que a idéia do Seminário foi muito boa e poderíamos, juntos, lutar para que fossem realizados outros, a nível regional, onde seriam escolhidos posteriormente os órgãos responsáveis pelo acompanhamento e avaliação.

Estou torcendo pela publicação dos Anais. *Já começamos o trabalho?*

Bem, coloco-me à disposição, mais uma vez, para que juntos possamos continuar lutando em prol de uma museologia comprometida com o desenvolvimento social.
— Maria Célia T. Moura Santos
Coordenadora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia.

(...) O Seminário permitiu não só a discussão da vocação natural dos museus como pólos privilegiados para a vida cultural de qualquer centro urbano, como também traçou diretrizes para a adequação dos museus aos avanços tecnológicos do final do século XX (...)
— Aspásia Alcântara de Camargo
Subsecretária de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

(...) Espero que a nossa contribuição tenha sido útil. Nós também desejamos agradecer-lhe muito por ter nos mostrado tantos maravilhosos museus e sítios históricos. Parabenizo toda a equipe pelo trabalho extremamente bem feito. (...) Tenho certeza que os museus terão um grande futuro em suas mãos.
— Thomas Seligman
Diretor da área de Educação e Exposições do Museu de São Francisco.